UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

THAYNÁ NAYARA DE SOUSA LIMA

O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: O CASO DA COPA DE 2014

Sorocaba/SP
2023

THAYNÁ NAYARA DE SOUSA LIMA

O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: O CASO DA COPA DE 2014

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do Diploma de Graduação em Relações Internacionais, da Universidade de Sorocaba.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Padilha Pereira da Silva.

Sorocaba/SP
2023

THAYNÁ NAYARA DE SOUSA LIMA

O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: O CASO DA COPA DE 2014

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do Diploma de Graduação em Relações Internacionais, da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 16/06/2023

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fabrício Padilha Pereira da Silva
Universidade de Sorocaba (UNISO)

Prof.ª Dra. Karina Stange Calandrin
Universidade de Sorocaba (UNISO)

Prof. Dr. Walter Cruz Swensson Júnior
Universidade de Sorocaba (UNISO)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Cícero, que nunca mediu esforços para me apoiar durante esses anos de graduação. Pai, obrigada por ser meu alicerce desde o meu primeiro dia de vida e por todas as nossas conversas diárias sobre futebol que me fizeram amar esse esporte assim como você.

A minha mãe, Nilda, minha melhor amiga e maior exemplo de mulher, que sempre me incentivou a buscar meus objetivos.

A minha irmã, Thaice, que me ensinou a ler e sempre esteve do meu lado para tudo na vida. Não sei o que seria de mim sem vocês.

Aos meus amigos por me ouvirem durante meses falando sobre esse trabalho – principalmente aos que sempre lembravam de mim quando ouviam algum podcast sobre o tema.

A todos os professores que fizeram parte desta jornada. Em especial, os professores Walter Swensson e Maria Luísa, que acompanharam esse processo e me prestaram todo o apoio e compreensão ao decorrer do semestre. Também agradeço a professora Karina Calandrin, pelas aulas de política externa que foram essenciais para que esse trabalho acontecesse.

Ao meu orientador, Fabrício Padilha, pelos quatro anos de ensinamentos, paciência e suporte em ajustar minha grade para que eu pudesse compartilhar esse momento junto aos meus colegas de turma.

Por fim, a pessoa responsável por esse trabalho existir, Camila Prando, ex-Gerente de Relações Internacionais do São Paulo Futebol Clube. Em um ano em que eu estava me sentindo perdida na minha graduação, ler o anúncio que uma mulher, formada em RI, estava atuando em um clube de futebol, abriu meus olhos para muitas questões e fez com que eu me apaixonasse novamente pelo meu curso – ter a oportunidade de escrever sobre um tema que eu tanto gosto foi uma verdadeira realização pessoal. Eu poderia ficar horas escrevendo sobre o impacto que isso teve na minha graduação, mas em resumo: Camilla, obrigada pelas vezes que você me respondeu e esteve disposta a me ajudar quando te enviei mensagens nas redes sociais falando sobre a existência desse trabalho. Você é uma inspiração para mim e para muitas outras mulheres.

Com o escrete, já começa o belo
milagre das vaias. Foi milagre o
segundo tempo de Brasil x Áustria.
Aquela bola que Pelé passou de calcanhar
ou o gol de Rivellino, cada jogada
era um momento de eternidade do futebol.
Vou ao aeroporto dizer aos nossos jogadores:
— "Vocês já são campeões do mundo".

(Nelson Rodrigues)

Ao São Paulo Futebol Clube,
meu time do coração.

RESUMO

O futebol é um fenômeno que se destaca como uma poderosa ferramenta de influência e projeção de imagem internacional. A Copa do Mundo de 2014 serviu como um exemplo emblemático desse uso estratégico do esporte para fortalecer o papel do Brasil no cenário global. Neste contexto, o objetivo central deste estudo é explorar e analisar o tema do futebol como instrumento de *soft power* na política externa, sobretudo, brasileira, examinando o impacto desse evento esportivo tanto nos níveis individuais e organizacionais, quanto nas relações internacionais. Propõe-se, assim, apresentar reflexões e analisar a influência desse novo paradigma do futebol na atualidade, baseado no princípio de utilização do esporte como meio de comunicação diplomática, que amplia a percepção do Brasil no exterior e cria oportunidades de diálogo e cooperação com outras nações.

Palavras-chave: Futebol; Soft Power; Política Externa; Copa do Mundo;

ABSTRACT

Soccer is a phenomenon that stands out as a powerful tool for influence and international image projection. The 2014 World Cup served as an emblematic example of this strategic use of sport to strengthen Brazil's role on the global stage. In this context, the central objective of this study is to explore and analyze the theme of soccer as an instrument of soft power in foreign policy, particularly Brazilian foreign policy, examining the impact of this sporting event both at the individual and organizational levels, as well as in international relations. Therefore, it is proposed to present reflections and analyze the influence of this new soccer paradigm today, based on the principle of using sports as a means of diplomatic communication, which broadens the perception of Brazil abroad and creates opportunities for dialogue and cooperation with other nations.

Keywords: Soccer; Soft Power; Foreign Policy; World Cup;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Definição de *Hard* e *Soft Power* 21
Figura 2 - Comemoração da conquista da Copa do Mundo de 1962, na Praça da Sé 27
Figura 3 - Peças publicitárias após a conquista da Copa de 1970.....33
Figura 4 - Carlos Alberto levanta a taça de campeão com o ditador Emílio Médici...34
Figura 5 - Jogadores da Seleção Brasileira em tanques militares acenando para a população haitiana 42
Figura 6 - Mensagens a serem adotadas durante a realização da Copa de 2014 52
Figura 7 - Desenvolvimento da estratégia de promoção 53

TABELAS

Tabela 1 - Os países com mais *soft power* 37
Tabela 2 - Países líderes em “Esportes” 38

QUADROS

Quadro 1 - Critérios para concorrer à eleição da FIFA.....46
Quadro 2 - Objetivos específicos do Plano de Promoção do Brasil 51
Quadro 3 - Potenciais parceiros estratégicos para o Brasil.....53

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AERP	Assessoria Especial de Relações Públicas
APE	Análise de Política Externa
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FPF	Federação Paulista de Futebol
ONU	Organização das Nações Unidas
PEB	Política Externa Brasileira
RI	Relações Internacionais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10

2. A POLÍTICA EXTERNA: CONCEITOS E DEFINIÇÃO 12

2.1 O conceito de Hard e Soft Power 15

3. DA HISTÓRIA DO FUTEBOL E A UTILIZAÇÃO TRADICIONAL DO ESPORTE NA PROJEÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA 22

3.1 Contexto histórico 23

3.2 O futebol como instrumento político: o caso da Ditadura Militar e a Copa de 1970 27

3.3 A Democracia Corinthiana 35

3.4 A PEB e o futebol 36

4. O CASO DA COPA DO MUNDO DE 2014 44

4.1 Os critérios da FIFA para escolha do país-sede 45

4.2 A candidatura brasileira e a vitória 47

4.3 O Plano de Promoção do Brasil 50

4.4 Os discursos presidenciais e a repercussão do Brasil como país-sede ... 54

4.5 Um balanço: ganhos e perdas 59

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 62

6. REFERÊNCIAS 64

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um fenômeno global que transcende as fronteiras físicas e culturais, exercendo um poderoso impacto social e político em diversas nações. No contexto brasileiro, o futebol assume um papel de destaque como instrumento de *soft power* na política externa do país. A Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, foi um marco significativo nesse sentido, proporcionando uma oportunidade única para o país projetar sua imagem e influência no cenário internacional. Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar o futebol como um instrumento de *soft power* na política externa brasileira, focando especificamente no caso da Copa de 2014. Serão exploradas as estratégias adotadas pelo Brasil para utilizar o evento esportivo como uma plataforma de projeção de poder, examinando o impacto político, diplomático e cultural gerado pela competição. Além disso, serão abordadas as relações entre o futebol, a identidade nacional e a construção da imagem do Brasil no exterior. A pesquisa se baseará em uma abordagem interdisciplinar, envolvendo análise de políticas públicas, relações internacionais e estudos culturais, a fim de compreender de que forma o futebol brasileiro tem sido utilizado como uma ferramenta de influência. Ao examinar o caso específico da Copa de 2014, busca-se contribuir para o entendimento das complexas relações entre esporte, política e diplomacia, bem como fornecer *insights* relevantes sobre a projeção da imagem do Brasil no cenário internacional.

No primeiro capítulo, faremos uma análise de como a Análise de Política Externa se consolidou como um tema crucial no estudo das Relações Internacionais, onde destacaremos seu papel na compreensão das dinâmicas globais e na formulação de estratégias diplomáticas eficazes. Além disso, iremos aprofundar a definição dos conceitos de poder no Sistema Internacional, examinando suas múltiplas facetas e manifestações. Exploraremos como o poder é exercido entre os atores internacionais, seja por meio de capacidades militares, recursos econômicos, influência política ou outros elementos que contribuem para a projeção de um Estado no cenário internacional. Adiante, dedicaremos uma seção especial à teoria do cientista político Joseph Nye e sua contribuição para os estudos da área com a introdução dos conceitos de "*hard power*" e "*soft power*". Discutiremos como essas

duas formas distintas de poder desempenham papéis complementares e influentes nas relações internacionais, e, por fim, consideraremos as implicações desses conceitos para a compreensão das relações entre os Estados e como eles moldam a dinâmica do Sistema Internacional.

No segundo capítulo, aprofundaremos nossa análise na história do futebol brasileiro, com foco em um recorte histórico que se inicia em 1930, até os dias atuais, a fim de compreender como o esporte se tornou uma fonte poderosa de *soft power* no Brasil. Nesse contexto, examinaremos a relação estabelecida entre o futebol e a política, que teve início durante a Ditadura Militar, destacando como os governos e líderes políticos se apropriaram desse esporte como uma ferramenta para promover suas agendas e fortalecer a imagem do país no cenário internacional. Além disso, sustentaremos nossa análise através de dados e exemplos, onde examinaremos como a conquista de títulos e a cultura do futebol brasileiro conquistaram admiradores ao redor do mundo, influenciando positivamente a percepção internacional do país. Portanto, o objetivo do capítulo é compreender a capacidade do esporte como uma poderosa ferramenta de *soft power*, conforme a teoria de Joseph Nye.

No terceiro capítulo, concentraremos nossa análise no caso da Copa do Mundo de 2014, onde o Brasil foi escolhido como país-sede do torneio. Iremos observar como ocorreu o processo da candidatura brasileira até sua vitória perante à FIFA, para que assim possamos analisar como essa decisão do governo trouxe consigo uma oportunidade única de exercer influência e projeção internacional por meio do futebol. Adiante, investigaremos como o governo brasileiro utilizou o evento para promover sua política externa e construir uma imagem positiva no âmbito global, além de examinar as repercussões políticas, sociais e econômicas da Copa de 2014, bem como as críticas e os desafios enfrentados durante sua realização.

Ao explorar esses capítulos, esperamos contribuir para uma melhor compreensão da relação entre o futebol, a política externa e o *soft power*, demonstrando como eventos esportivos podem ser utilizados como instrumentos de projeção e influência em nível internacional.

2. A POLÍTICA EXTERNA: CONCEITOS E DEFINIÇÃO

No Sistema Internacional, política externa é definida como uma política pública, que atua como um instrumento pelo qual um Estado tenta formar seu ambiente político internacional (BATTISTELLA, 2014). Ela pode ser entendida como um conjunto de decisões, ações e estratégias adotadas por um governo em suas relações com outras nações e organizações internacionais, em questões que envolvem a negociação de acordos e tratados, a cooperação em questões globais, a promoção dos interesses nacionais, a defesa da soberania e a projeção da imagem do país no cenário internacional. Ademais, pode ser influenciada por fatores como a política doméstica do país, a situação econômica e social, as alianças e coalizões internacionais, os conflitos e os desafios globais, tornando-se assim, uma ferramenta importante para a projeção da influência e dos interesses de um governo no cenário internacional (FIGUEIRA, 2017).

Após o final da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), com a evolução das Relações Internacionais (RI) como disciplina da ciência e os debates clássicos das Teorias das RI em constante andamento, a área de Análise de Política Externa (APE) se tornou um tema crucial para objeto de estudo dos autores e analistas da área de Ciência Política. A partir de um olhar interdisciplinar, a APE contribuiu para uma análise detalhada das ferramentas de tomada de decisão do Estado e, ao papel da burocracia e dos grupos de interesse na política externa, observando como um país se projeta no cenário internacional através de suas necessidades domésticas. Tal análise visava ir além do conceito da *realpolitik*[1], defendida pela teoria realista, já que esta definia o Estado como uma estrutura racional e monolítica, onde a relação entre as variáveis da política doméstica e o ambiente internacional era descartada pelos pesquisadores da época (FIGUEIRA, 2017). A partir de uma nova interpretação do Sistema Internacional em transformação, sugere-se, portanto, a importância de abrir a “caixa preta” do Estado, com o objetivo de propor que os pesquisadores da APE

[1] Termo alemão que se refere à política de poder. Enfatiza políticas baseadas nas considerações de poder prático em detrimento das políticas baseadas nas considerações morais e éticas. Deste modo, *realpolitik* significa manutenção da segurança do Estado em um ambiente hostil e onde o poder e a política de poder são vistos como o principal objetivo dos líderes (BUENO, 2019).

realizassem uma espécie de engenharia reversa nas decisões produzidas pelos governos.

A APE busca entender, a partir de uma perspectiva analítica, quais os atores presentes em uma determinada tomada de decisão e de que forma ela foi produzida. Seu objetivo é decodificar os processos que levaram a uma decisão específica, representando uma mudança significativa em relação às teorias de Relações Internacionais (RI), já que a perspectiva realista procura entender como as bolas de bilhar[2] se movimentam dentro de um jogo de sinuca e o Estado é tratado como um ator monolítico e perene à diversos interesses, onde os autores estão empenhados em olhar para a composição do objeto, e como essa composição determina os caminhos e direções empregadas pelo Estado.

Ao explicar a relação entre o Estado, o poder e a APE, Figueira (p. 7, 2017) afirma que:

> A política externa dos Estados, isto é, a ação empreendida pelos países no plano internacional, não apenas aponta para os objetivos e linhas mestras que o país adotará na sua relação com os demais agentes do sistema internacional, mas também deve compor estratégias de atuação nas diversas dinâmicas da vida internacional, considerando, para tanto, o poder relativo que cada Estado possui em relação a seus pares. Esse poder, no entanto, não é estático, já que depende não apenas de como o país converte possibilidades internas em vantagens externas, mas também de como absorve as mudanças estruturais e conjunturais do sistema internacional para favorecer potencialidades, antes adormecidas ou menos relevantes, transformando-as em fontes de poder.

Assim sendo, segundo Figueira (2017), a política externa é uma expressão da luta pelo poder, na qual os Estados buscam aumentar sua capacidade de influência e controle sobre o Sistema Internacional, e para tanto, utilizam diversos recursos, como o uso da força militar, a diplomacia, o comércio internacional e a cooperação em fóruns multilaterais. Figueira (2017) argumenta também que a política externa não é uma esfera isolada da vida política dos Estados, mas sim um reflexo das dinâmicas políticas e sociais internas, e que a análise da política externa deve considerar não apenas as ações dos Estados, mas também as interações entre eles. A política

[2] Metáfora utilizada pela teoria Realista nas Relações Internacionais para explicar que o Estado age de forma uniforme e homogênea, assim como uma bola de bilhar (WALTZ, 1979).

externa de um país não pode ser analisada isoladamente, pois as decisões tomadas por um Estado podem ter impacto direto ou indireto em outros países e no sistema internacional como um todo. Nesse sentido, a análise da política externa deve levar em conta não apenas os fatores externos que influenciam as decisões dos Estados, mas também as relações de poder e os interesses internos que moldam a política externa de cada país. No entanto, a política externa pode enfrentar desafios complexos e contraditórios, especialmente em um mundo globalizado e interdependente. Por exemplo, um país pode ter que equilibrar a defesa de seus interesses econômicos com a promoção dos valores democráticos e dos direitos humanos. Além disso, a política externa de um país pode ser influenciada por fatores imprevisíveis, como mudanças políticas em outros países, desastres naturais ou crises econômicas globais. Desta forma, uma política externa efetiva pode contribuir para a estabilidade, segurança e prosperidade do país, além de permitir a construção de relacionamentos e alianças benéficas com outras nações. Por outro lado, uma política externa mal planejada ou executada pode levar a conflitos, isolamento e danos à reputação do país no cenário internacional.

Mas afinal, existe diferença entre a política internacional e a política externa? De acordo com Kenneth Waltz (1996), a política internacional está interessada em olhar para aspectos mais sistêmicos, em se debruçar sob a grande estrutura que moldura o sistema internacional e evidência na tomada de decisões dos Estados, pensando em como o todo constrange as partes, enquanto a política externa diz respeito à reflexão dos processos de tomada de decisão, como uma política pública, em um ambiente de negociação em que vários grupos políticos estão disputando espaço. Portanto, tendo um olhar de nível de análise mais centrado e direcionado à dimensão doméstica dos atores que estariam influenciando as decisões e doutrinas de ação internacional do Estado. Com base nesta definição, Celso Lafer (2018) explica que a política externa é a combinação entre necessidades internas e possibilidades externas, o que nos revela duas coisas importantes sobre o tema: não existe política externa sem a política interna, e também a ideia de possibilidades externas: nenhum país pode fazer política externa para além de suas capacidades.

2.1 O conceito de Hard e Soft Power

Em 1991, com o enfraquecimento da União Soviética e, consequentemente, o fim da Guerra Fria, o controle hegemônico dos EUA e URSS já não era mais a realidade atual do Sistema Internacional (MARTINELLI, 2016). A ordem bipolar que dividiu o mundo durante décadas deixaria de existir, abrindo espaço para uma nova ordem geopolítica se estabelecer e definir os novos rumos do cenário internacional. Neste contexto, diversos autores se dedicaram aos estudos para entender a nova ordem mundial e as dinâmicas de poder internacional que se estabeleceram a partir de então. Além disso, tais autores buscavam analisar a influência que outros fatores possuíam em relação aos objetivos nacionais. Foi então quando o cientista político Joseph Nye, um dos primeiros colaboradores, senão cofundador da Teoria da Interdependência Complexa e do Neoliberalismo nas Relações Internacionais, decidiu estudar a manifestação do poder sob uma nova perspectiva, dividindo-o em duas esferas que foram denominadas como "*hard power*" e "*soft power*", as quais iremos abordar neste capítulo.

Estas duas esferas de poder podem ser empregadas por atores estatais, que detêm a soberania e legitimidade para utilização de uso da força, exercendo controle sobre a população, e também por atores não-estatais, representados por difusores de ideologias, disseminadores de conhecimento e estilo de vida, tanto indivíduos independentes como organizações de diversas dimensões, como ONGs e outros grupos ideológicos (MARTINELLI, 2016).

Entretanto, para entender o conceito de ambas as esferas segundo a teoria neoliberal, é necessário entender como Nye define o poder no cenário internacional. Sendo assim, o autor afirma que:

> O poder é como o tempo. Todos dependem dele e falam sobre ele, mas poucos o compreendem. Tal como os agricultores e meteorologistas tentam prever o tempo, os líderes políticos e analistas tentam descrever e prever as mudanças nas relações de poder. O poder também é como o amor, mais fácil de experimentar do que de definir ou medir, mas não menos real por isso. Portanto, mais especificamente, poder é a capacidade de influenciar o comportamento dos outros para obter os resultados que se quer. Mas existem

> várias maneiras de afetar o comportamento dos outros. (NYE, 2004, p. 2, tradução nossa)[3]

Com base nesta definição, Nye (2004) explica que a sociedade de forma geral enxerga o poder de forma estreita, apenas em termos de comando e coerção, mas enfatiza um ponto importante: o poder sempre irá depender do contexto em que a relação existe. O autor argumenta, portanto, que quando medimos a potência em termos da mudança de comportamento dos outros, primeiro se faz necessário saber suas preferências, pois do contrário, o poder não será exercido da forma desejada. Em suma, é necessário saber qual a melhor forma de induzir o outro, levando em consideração que nem sempre o poder pode ser obtido através de ameaças ou incentivos, mas que também podemos obter os resultados que queremos afetando o comportamento sem comandá-lo, apenas através da persuasão. Desta forma, Nye (2004) busca estabelecer que o conceito mais amplo na definição de poder é a habilidade de influenciar na obtenção de objetivos almejados. A escolha de como fazer essa busca passa pelas habilidades diplomáticas de um ator; o ambiente o qual está inserido; o entendimento se alguma prática interna de um país gera atração externa; além de, quando se trata de balança de poder, se o país gera ameaça ou é forte economicamente. Essas práticas podem ser essenciais se um ator quer ter ganhos políticos, e vai de cada um saber a forma de se portar nesse sistema.

Nye (2004) complementa sua teoria utilizando da metáfora de um jogo de pôquer, argumentando que ao iniciar um jogo é sempre valioso saber quais jogadores possuem as cartas mais altas e fortes para que assim consiga definir suas estratégias, mas que tão importante quanto, é entender qual jogo está sendo jogado e qual o contexto em questão.

> Mesmo que o jogo seja pôquer, se você jogar mal sua mão alta, ainda poderá perder. Ter recursos de poder não garante que você sempre obterá o resultado desejado. Por exemplo, em termos de recursos, os Estados Unidos eram muito mais poderosos que o Vietnã, mas perdemos a Guerra do Vietnã.

[3] Original: Power is like the weather. Everyone depends on it and talks about it, but few understand it. Just as farmers and meteorologists try to forecast the weather, political leaders and analysts try to describe and predict changes in power relationships. Power is also like love, easier to experience than to define or measure, but no less real for that. So more specifically, power is the ability to influence the behavior of others to get the outcomes one wants. But there are several ways to affect the behavior of others (NYE, 2004, p. 2).

> E a América era a única superpotência do mundo em 2001, mas falhamos em impedir o 11 de setembro (NYE, 2004, p. 3, tradução nossa)[4].

Ainda no contexto do Sistema Internacional, Nye nos apresenta então a teoria do Tabuleiro de Xadrez Tridimensional, que também faz uso da metáfora de um jogo para explicar a ação dos atores na ordem mundial. Tal teoria nos traz camadas de distribuição do poder que consiste em três níveis de atuação: superior, intermediário e inferior. No primeiro nível, o superior, encontra-se o *hard power*, representado pelo poder militar. Nesse nível, um Estado pode militarizar-se através do avanço de tecnologias militares, aquisição, desenvolvimento e estoque de armamentos, proteção de fronteiras, entre outras medidas. Essa militarização coloca o Estado em uma posição elevada no tabuleiro tridimensional, conferindo-lhe capacidade de persuasão baseada em seu poder bélico. No atual cenário do Sistema Internacional, aquele Estado que possui capacidade militar suficiente para subjugar os demais detém o poder necessário para estar na camada superior do jogo. Nessa camada, o uso de armas nucleares é considerado a opção mais adequada (NYE, 2002). No entanto, nem todos os Estados têm a capacidade de produzir esse tipo de armamento, o que torna a participação no nível superior restrito a um número limitado de atores (NYE, 2002).

Já no segundo nível, o intermediário, também ocorre o uso do *hard power*, mas não na esfera militar. Nesse caso, o foco está na economia e continua sendo predominantemente atribuído aos Estados. Esse nível não se refere apenas à capacidade do Produto Interno Bruto (PIB) de um Estado, mas sim à sua habilidade em agir com força econômica. Onde, por meio da projeção de sua economia, um Estado consegue exercer influência sobre outros atores no Sistema Internacional. Este nível possui um maior número de participantes, tornando-o um nível de disputa multipolar (NYE, 2002).

No terceiro e último nível, se encontra a camada inferior, onde se manifesta o *soft power*, não apenas por parte do Estado, mas também por meio da influência de

[4] Original1: Even if the game is poker, if you play your high hand poorly, you can still lose. Having power resources does not guarantee that you will always get the outcome you want. For example, in terms of resources the United States was far more powerful than Vietnam, yet we lost the Vietnam War. And America was the world's only superpower in 2001, but we failed to prevent September 11. (NYE, 2004, p. 3).

atores não-estatais. Nesse nível, a capacidade de influenciar e persuadir um ator se dá sem o uso de coerção. Isso confere ao Estado influenciador uma grande credibilidade, que pode ser exercida através das relações diplomáticas entre Estados. Conforme explicado pelo autor, o poder brando vai além da persuasão ou da habilidade de convencer através de argumentos, é a capacidade de seduzir e atrair, e a atração geralmente leva à aceitação e imitação (NYE, 2002).

Com as definições estabelecidas sobre o poder no Sistema Internacional e a teoria do Tabuleiro Tridimensional de Xadrez, podemos, enfim, avançar para a discussão dos conceitos de *Hard Power* e *Soft Power*. A compreensão desses conceitos será fundamental para analisarmos a dinâmica das relações internacionais e o papel desempenhado pelo Brasil no cenário global.

Segundo a perspectiva de Nye, o *hard power*, traduzido como poder duro, é a manifestação do poder em sua forma mais visível e tangível, representada pela capacidade de um ator internacional impor sua vontade sobre outros atores através de meios coercitivos, como a força militar, sanções econômicas ou influência política direta. Para o autor, todos estamos familiarizados com a esfera do poder duro, visto que é a forma de poder mais utilizada nas últimas décadas. Esse poder político é considerado agressivo, pois geralmente é imposto a um órgão ou governo inferior por um poder muito superior, tornando-o instantaneamente eficaz. Além disso, muitas vezes é apoiado pelo poder superior que possui recursos naturais, superioridade econômica ou até mesmo uma população maior, podendo ser compreendido como algo direto e facilmente observável devido às suas ações concretas.

Um exemplo notório do uso do *hard power* no mundo é a invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003, onde, na época, o governo estadunidense, liderado pelo presidente George W. Bush (2001 – 2008), alegou a presença de armas de destruição em massa no país e a conexão do regime de Saddam Hussein com organizações terroristas. Baseado nessas justificativas, os Estados Unidos lançaram uma campanha militar para derrubar o governo iraquiano. Essa intervenção militar foi realizada com o emprego massivo de recursos militares e tecnológicos, demonstrando a superioridade militar dos Estados Unidos em relação ao Iraque. O uso do *hard power* ficou evidente nas operações militares, com bombardeios aéreos, invasão terrestre e

a subsequente ocupação do país. No entanto, essa ação militar foi altamente controversa e desencadeou uma série de consequências complexas. As armas de destruição em massa que justificaram a invasão não foram encontradas, e a ocupação do Iraque gerou um longo e violento conflito interno, além de aumentar as tensões sectárias na região. Desta forma, Nye alerta para as limitações intrínsecas do *hard power*, pois seu exercício contínuo pode gerar ressentimento, custos elevados e até mesmo resistência dos atores internacionais. Assim, o autor argumenta que o uso inteligente do poder brando, que envolve atrair e persuadir através da cultura, valores, diplomacia e prestígio, pode complementar e fortalecer o *hard power*, oferecendo uma abordagem mais sutil e eficaz para alcançar os objetivos desejados em um mundo cada vez mais interdependente.

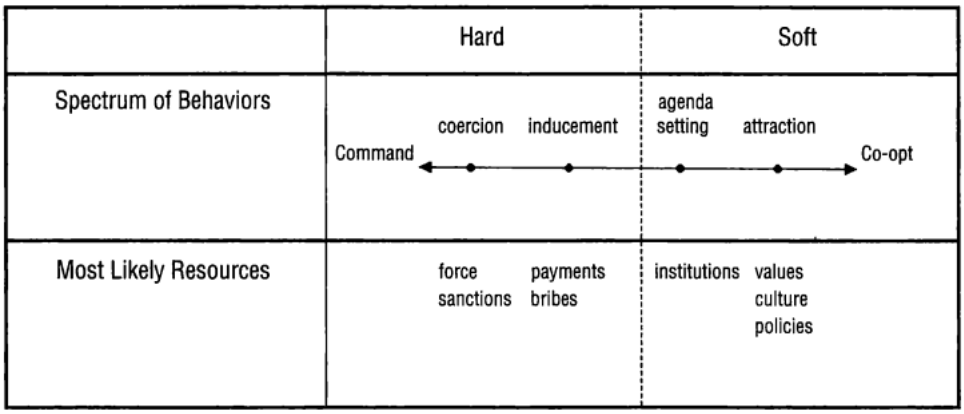
Já o *soft power*, traduzido do inglês como “poder brando” ou “poder suave”, é o conceito que busca definir a possibilidade de qualquer tipo de ator, seja ele estatal ou não-estatal, como países, grupos políticos, instituições, entre outros, de influenciar indiretamente um Estado ou um grupo de indivíduos através de um entendimento ideológico, social e principalmente, cultural, sem utilizar do uso da força, definido por Nye (2004) como a habilidade de modelar os desejos do outro. Nye explica que a esfera do *soft power* não se resume e nem se iguala ao conceito de influência, afinal, a influência também pode se basear no poder de ameaças ou pagamentos, e o *soft power* é mais do que apenas persuasão ou a capacidade de mover pessoas por argumento, embora essa seja uma parte importante dele. É também a capacidade de atrair, e a atração muitas vezes leva à aquiescência. Em termos comportamentais, o *soft power* é um poder de atração, enquanto, em termos de recursos, os recursos de *soft power* são os ativos que produzem tal atração. Como enfatiza Nye (2002, p.37): “Se eu conseguir levá-lo a querer fazer o que eu quero, não precisarei obrigá-lo a fazer o que você não quer”.

Com base nesta explicação, Nye (2004) ressalta que no nível pessoal, todos estamos familiarizados com o poder de atração e sedução, onde, em um relacionamento, o poder não reside necessariamente no parceiro maior, mas na “misteriosa química” da atração. E no mundo dos negócios, os atores estatais e não-estatais sabem que liderança não é apenas uma questão de emitir comandos, mas também envolve a capacidade de atrair o outro a fazer o que você deseja. Nye (2004)

explica que apesar do poder da influência, é difícil dirigir uma grande organização apenas com comandos. Você também precisa fazer com que os outros comprem seus valores. De acordo o autor, três medidas de diplomacia pública tornam a imagem de um país favorável em relação ao *soft power*: comunicação diária, que se trata de manter explícito o encadeamento das decisões de sua política externa e interna, tendo habilidade suficiente para corrigir qualquer contratempo que possa prejudicar suas relações; comunicação estratégica, que se trata da habilidade de transmitir ideias que satisfaçam o ouvinte e facilite a aceitação de alguma política governamental; e o desenvolvimento de relações duradouras ao longo do tempo. Essas três medidas, se estabelecidas em harmonia, são as principais estabelecedoras de *soft power* possíveis quando se trata de diplomacia. Quando um país percebe que sua cultura gera influência internacional, ele passa a explorá-la como uma ferramenta de penetração e auxílio nas suas relações exteriores. Além disso, pode ser uma ferramenta econômica importante, através do termo denominado *nation-branding* a fim de construir uma imagem de forma que traga desenvolvimento, investimento, aumento do turismo, comércio e valorização da cultura. Visto isso, podemos analisar que um determinado ator político, ao definir agendas multilaterais que pareçam legítimas aos olhos dos outros, reforça sua imagem externa e facilita o objetivo final buscado.

Um exemplo clássico do uso do *soft power* no cenário internacional é o movimento conhecido como *American Way of Life*, termo utilizado para descrever o estilo de vida estadunidense, especialmente no século XX, que se refere às características culturais, sociais, políticas e econômicas associadas à sociedade dos Estados Unidos. O "*American Way of Life*" enfatiza valores como individualismo, liberdade, oportunidade de ascensão social, consumo material, democracia e empreendedorismo. Ele representa a ideia de que, nos Estados Unidos, qualquer pessoa pode alcançar o sucesso através do trabalho duro e da dedicação pessoal. O termo ganhou destaque principalmente após a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos emergiram como uma superpotência econômica e cultural. A disseminação da cultura americana através da música, cinema, televisão e outros meios de comunicação contribuiu para a popularização do termo em todo o mundo e pode ser vista como um exemplo claro de poder brando (NYE, 2004).

Figura 1 – Definição de *Hard* e *Soft Power*



Fonte: NYE, 2004.

Na figura acima, podemos entender como Nye (2004) separa ambas as esferas. Na primeira coluna, temos o que o autor chama de “Espectro de comportamentos” (*spectrum of behaviors)* onde Nye destaca as principais características de comportamento para a esfera do *hard power*, que consiste em “comando, coerção e incentivo” (*command, coercion, inducement*), assim como para o *soft power* que se destaca com características como “configurações de agenda, atração e cooptação” (*agenda setting, attraction, co-opt*). Já no quadro abaixo, denominado “Recursos mais prováveis” (*most likely resources*), o autor caracteriza recursos como “sanções forçadas e pagamentos de suborno” (*force sanctions; payments bribes*) para a esfera do *hard power*, enquanto o *soft power* se caracteriza pelo uso de recursos como “instituições, valores, cultura e políticas” (*institutions, values, culture, policies).*

Desta forma, Nye (2004) argumenta que o *hard power* é uma forma limitada de poder e que o *soft power*, é muitas vezes mais eficaz em alcançar objetivos de longo prazo, portanto, o autor sugere que o equilíbrio entre *soft power* e *hard power* é importante para o sucesso de um Estado no cenário internacional. Um Estado com um grande poder militar, mas que carece de *soft power*, pode ser temido, mas não respeitado ou admirado. Por outro lado, um Estado com muito *soft power* e pouca capacidade de defesa pode ser visto como fraco e vulnerável, o que explica a citação que Nye faz à Maquiavel no início de sua obra:

> Há mais de quatro séculos, Nicolau Maquiavel aconselhava príncipes da Itália que era mais importante ser temido do que ser amado. Mas no mundo de hoje, é melhor ser ambos. Ganhar corações e mentes sempre foi importante,

> mas é ainda mais na era da informação global. Informação é poder, e a moderna tecnologia de informação está espalhando informações mais amplamente do que nunca antes na história. No entanto, os líderes políticos gastaram pouco tempo pensando em como a natureza do poder mudou e, mais especificamente, sobre como incorporar as dimensões suaves em suas estratégias para exercer o poder. (NYE, 2004, p. 1, tradução nossa)[5].

Assim, o autor explica ao decorrer de sua teoria, que um ator que utilize de ambos os conceitos de poder está fazendo uso de uma nova esfera: o *smart power* (poder inteligente), que significa, em suas palavras, “a capacidade de combinar o *hard* e o *soft power* em uma estratégia vencedora” (NYE, 2004). Um exemplo de utilização do *smart power* é a estratégia dos Estados Unidos em permanecer líder global de assistência humanitária em desastres naturais. O país emprega recursos e expertise para fornecer ajuda rápida e eficaz em situações de crise, como terremotos, furacões e epidemias, onde, além disso, utilizam a ajuda humanitária como uma oportunidade para fortalecer laços diplomáticos, aumentar a influência e demonstrar solidariedade global, o que contribui para a projeção de sua imagem como líder mundial comprometido com a assistência humanitária.

Após a compreensão das definições de *soft power* estabelecidas neste capítulo, o próximo capítulo analisará a história do futebol brasileiro, destacando sua evolução como um instrumento político no país. Desde suas origens até se tornar uma poderosa ferramenta de *soft power*, examinaremos como o esporte foi habilmente empregado como instrumento de influência e projeção de imagem.

3. DA HISTÓRIA DO FUTEBOL E A UTILIZAÇÃO TRADICIONAL DO ESPORTE NA PROJEÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA

Conforme abordado no capítulo anterior, *o soft power* se refere à capacidade de influenciar e atrair os desejos do outro através de meios culturais ou ideológicos, como o esporte. Após entender o contexto teórico, agora iremos entender na prática

[5] Original: More than four centuries ago, Niccolo Machiavelli advised princes in Italy that it was more important to be feared than to be loved. But in today's world, it is best to be both. Winning hearts and minds has always been important, but it is even more so in a global information age. Information is power, and modern information technology is spreading information more widely than ever before in history. Yet political leaders have spent little time thinking about how the nature of power has changed and, more specifically, about how to incorporate the soft dimensions into their strategies for wielding power. (NYE, 2004, p. 1)

como o futebol é utilizado como instrumento político no Brasil, através de um recorte histórico que nos apresenta a história do futebol e sua relação com a PEB.

3.1 Contexto histórico

A história do futebol no Brasil remonta ao final do século XIX (TREVISAN, 2018), período em que o país passava por profundas transformações sociais, econômicas e culturais, ansiava por sua identidade e forjava seu caminho rumo ao progresso e à modernidade. Nesse contexto, um jovem chamado Charles William Miller, oriundo de um encontro entre as raízes escocesas e o solo brasileiro, desempenhou um papel central na introdução e consolidação do esporte no país. Nascido em 24 de novembro de 1874, na cidade de São Paulo, Miller era filho de um escocês que viera ao Brasil para trabalhar na primeira ferrovia paulista da cidade, a São Paulo Railway Company. Dotado de uma visão além do seu tempo, teve sua alma inebriada pelos encantos do futebol durante sua estadia na Inglaterra, país que visitou aos 10 anos para aprimorar seus estudos. Em seu retorno ao Brasil, uma década depois, o jovem trouxe em sua bagagem uma bola de futebol, um par de chuteiras, uniformes usados, e a vontade de introduzir o futebol em terras brasileiras, esporte que havia conhecido durante o período que passou na Inglaterra (país pioneiro do futebol)[6] e que logo se transformaria em uma paixão nacional do povo brasileiro (TREVISAN, 2018).

Com seu espírito visionário, Miller compartilhou sua paixão pelo futebol com seus conterrâneos e organizou a primeira partida oficialmente registrada em solo brasileiro. Em abril de 1895, na Várzea do Carmo, região do Brás em São Paulo, os pés ágeis e determinados dos jogadores da Gas Company of São Paulo e da São Paulo Railway Company tocaram pela primeira vez uma bola de futebol seguindo as regras que Miller já havia conhecido na Inglaterra. Estabelecendo, a partir daquele dia, um marco inegável na história do futebol brasileiro. Após a partida, o futebol começou a ganhar cada vez mais reconhecimento no país, onde, seis anos depois,

[6] O futebol teve sua origem na Inglaterra, onde ganhou popularidade entre as classes trabalhadoras e estudantes das universidades. Com o advento da Revolução Industrial, houve um aumento no tempo livre e nas atividades de lazer, o que contribuiu para a disseminação do esporte. Além disso, a expansão do Império Britânico e a difusão de sua cultura pelo mundo também foram importantes para a propagação do futebol (MAGALHÃES, 2010).

Miller decidiu criar a Liga Paulista de Futebol, precursora da atual Federação Paulista de Futebol (FPF), e já em 1902, o Brasil testemunhou o nascimento do primeiro torneio oficial, o Campeonato Paulista, conhecido também como “Paulistão” (TREVISAN, 2018), uma das competições de futebol mais tradicionais do país até os dias atuais. Na época, o torneio contava com a participação de seis equipes: São Paulo Athletic Club (SPAC), Sport Club Internacional, São Paulo Railway, Germânia, Paulistano e AA das Palmeiras. O São Paulo Athletic Club, liderado por Miller, sagrou-se campeão nas três primeiras edições do torneio (1902, 1903 e 1904) (TREVISAN, 2018).

Em 1910, Miller se torna árbitro de futebol, e vem a falecer em 30 de junho de 1953, aos 78 anos, deixando um legado na história e cultura do país, ficando conhecido por todos como o pai do futebol brasileiro (TREVISAN, 2018). Contudo, não foram apenas as habilidades e a determinação de Miller que impulsionaram a propagação e aceitação do esporte no país. A miscigenação cultural que permeava a sociedade brasileira, com suas influências europeias, africanas e indígenas, atuou como um solo fértil para o florescimento do futebol. A chegada de imigrantes europeus, especialmente ingleses, e a disseminação dos valores e práticas esportivas contribuíram para a consolidação do futebol como um fenômeno sociocultural em ascensão. Com o passar do tempo, o futebol brasileiro transcendeu as fronteiras e ganhou popularidade em todo o país. Seus atributos singulares, como a ginga, a criatividade e a habilidade técnica, combinados com a paixão e a dedicação do povo brasileiro, moldaram um estilo de jogo único e inconfundível (TREVISAN, 2018).

Em 1914, com a ascendente transformação do esporte no país, nasce então a seleção mais vitoriosa da história do futebol mundial: a Seleção Brasileira de Futebol. Neste mesmo ano, foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade precursora da atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), com o objetivo de regulamentar e organizar o esporte no país. A criação da CBD foi um passo crucial para o surgimento da seleção, pois proporcionou a estrutura necessária para representar o Brasil em competições internacionais. Seus primeiros passos foram dados em terras inglesas, em um embate histórico contra o Exeter City, uma pequena equipe inglesa que hoje disputa a Terceira Divisão do país e carrega como um dos maiores feitos do clube a honra de ter sido o primeiro adversário da Seleção Brasileira na história (TREVISAN, 2018). O primeiro título brasileiro viria dois meses

depois, numa disputa com a Argentina, em que o Brasil venceu por 1 a 0 e levou a Copa Rocca (atual Superclássico das Américas). A partir deste momento, a seleção canarinho começou a tecer sua história gloriosa, com jogos contra seleções de outros países e participações em competições internacionais.

Ao decorrer dos anos, a seleção trilhou um caminho de desafios, conquistas e transformações que ajudaram a moldar sua identidade e consolidar sua posição como uma potência no cenário mundial, onde as primeiras décadas foram de aprendizado e crescimento para que os anos de ouro enfim chegassem. Em 1930, o Brasil participou da primeira edição da Copa do Mundo, realizada no Uruguai, obtendo a sexta colocação e tornando-se um dos 13 países a competir no torneio inaugural que se tornaria a mais famosa competição do mundo. Já em 1933, conquistou sua primeira Copa América, em casa, com uma campanha invicta, proporcionando vitória com impulso significativo à equipe e ajudando na construção da confiança necessária para enfrentar desafios futuros. No entanto, durante o período da Segunda Guerra Mundial, que teve início em 1939, as competições internacionais de futebol foram suspensas, impedindo o Brasil de mostrar seu potencial ao mundo. Após o término da guerra, a Seleção Brasileira retomou suas atividades e começou a se preparar para a Copa do Mundo de 1950, que tinha como país-sede, o Brasil. O recém inaugurado Estádio do Maracanã, localizado no Rio de Janeiro, foi o palco da final entre Brasil e Uruguai, recebendo o maior público da história de todas as copas, com um número inimaginável de torcedores pagantes para os dias de hoje: 173.850 pessoas (MONTEIRO, 2023) que saíram de suas casas para vivenciar a história. Entretanto, apesar das vibrações e do apoio fervoroso da torcida brasileira, a seleção não conseguiu superar a equipe uruguaia e o Brasil sofreu uma derrota dolorosa como anfitrião por 2x1, em uma partida tão emblemática que ficou conhecida como "Maracanazo". Este evento deixou marcas profundas na memória do futebol brasileiro, mas também serviu como um catalisador para uma busca incansável pela redenção nas décadas seguintes.

Foi então, oito anos depois, na Copa do Mundo da Suécia (1958), que a seleção canarinho recebeu sua primeira de cinco estrelas. Com o desenvolvimento de um estilo de jogo único e envolvente, repleto de habilidade, criatividade e ousadia, surgiram os maiores ídolos da história do futebol brasileiro, como o Rei Pelé, Garrincha, Zico e tantos outros que encantaram o mundo com sua genialidade e

fizeram da Seleção Brasileira uma potência futebolística, tornando o Brasil merecedor do apelido que ganhou fama em todos os cantos do mundo: o País do Futebol. Esta abordagem revolucionária do futebol foi uma clara quebra com as táticas mais conservadoras e defensivas que predominavam na época, e rapidamente atraiu a atenção e a admiração dos espectadores e especialistas em todo o mundo (TREVISAN, 2018).

A alegria em receber uma estrela no escudo da seleção pela primeira vez foi tanta, que nem a lesão repentina que tirara Pelé da Copa do Chile (1962) logo no início da competição fez com que o Brasil abrisse mão daquele poderoso pódio que reafirmava a nossa seleção como a melhor do mundo. Apesar da ausência do Rei, o Brasil contava com jogadores talentosos como Garrincha, Vavá, Amarildo, Zito, Zagallo e Didi, que assumiram a responsabilidade de liderar a equipe durante a competição. Sob o comando do técnico Aymoré Moreira, a Seleção Brasileira enfrentou a difícil tarefa de superar as equipes adversárias e chegar às fases finais. E assim o fez. O Brasil chegou à final tendo como adversário a Tchecoslováquia, em um jogo equilibrado, mas onde se sobressaiu a seleção com a camisa mais forte. O Brasil mostrou sua superioridade e venceu os tchecos por 3 a 1, com gols de Amarildo, Zito e Vavá, conquistando mais uma Copa do Mundo e consagrando o amado jogador brasileiro, Garrincha, como o artilheiro da competição. Com a volta da Seleção Brasileira para casa, as principais avenidas do Brasil deram espaço para um verdadeiro espetáculo que o povo brasileiro fez ao recepcionar nossos jogadores bicampeões do mundo (figura 2). O futebol se tornava, cada vez mais, uma ferramenta de identidade nacional no país. A alegria contagiante que se desdobra nos gramados brasileiros se tornou um reflexo da própria alma do país. Assim, o futebol encontrou sua morada nas terras tropicais do Brasil não apenas como um esporte, mas como um fenômeno sociocultural que une gerações, atravessa barreiras sociais e transcende as adversidades da vida cotidiana (TREVISAN, 2018).

Figura 2 - Comemoração da conquista da Copa do Mundo de 1962, na Praça da Sé

Fonte: Domício Pinheiro, 1962.

Chegamos então na Copa de 1970, período que marca com evidência o uso da Seleção Brasileira pelos governos militares na época da Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985) para favorecem sua imagem perante ao povo, nos apresentando com clareza a construção da relação entre a política e o futebol no país. Entretanto, para realizar a análise, é necessário primeiramente entender o contexto do Sistema Internacional na época, que será abordado a seguir.

3.2 O futebol como instrumento político: o caso da Ditadura Militar e a Copa de 1970

Durante a década de 1930, período marcado por tensões geopolíticas e crescente polarização ideológica, as partidas amistosas entre as grandes nações europeias adquiriram uma importância política adicional, indo além da mera competição esportiva. Naquela época, a Europa estava mergulhada em uma série de conflitos políticos e sociais que acabariam por desencadear a Segunda Guerra Mundial. A utilização do futebol como uma ferramenta política ocorreu de diferentes maneiras. Primeiramente, o futebol serviu como uma forma de propaganda para promover a ideologia e a superioridade nacional. Os governos autoritários (como a Alemanha nazista, a Itália fascista e a Espanha franquista)[7] perceberam o potencial

[7] Os regimes da Alemanha nazista, Itália fascista e Espanha franquista foram regimes autoritários que surgiram no período entreguerras. Sob o domínio de Adolf Hitler, a Alemanha nazista promoveu uma

do futebol como uma vitrine para exibir sua força e superioridade diante de outros países, investindo na equipe nacional e na organização de jogos amistosos, destacando o sucesso esportivo como um reflexo do poder e da supremacia de seus regimes políticos, como desenvolveremos mais adiante.

No caso da Alemanha, o regime nazista viu o esporte como uma maneira de mobilizar e unir a população em torno de sua ideologia, ao mesmo tempo em que buscava projetar uma imagem positiva do país no cenário internacional, sendo uma das principais estratégias utilizadas pelos nazistas, a instrumentalização das equipes de futebol (tanto a seleção nacional quanto os clubes locais). O governo investiu recursos significativos no desenvolvimento do futebol e buscou controlar a organização e a gestão do esporte, visando utilizá-lo como um veículo de propaganda, interferindo nas estruturas esportivas existentes e fundando a Liga Alemã de Futebol, centralizando o controle sobre as equipes e competições. Os clubes foram forçados a se alinhar com as diretrizes nazistas, e muitos jogadores judeus e dissidentes políticos foram excluídos e perseguidos. Além disso, o regime nazista utilizou os jogos de futebol como uma forma de entretenimento para a população, usados para transmitir mensagens nacionalistas, exaltar o patriotismo e criar um senso de unidade entre os espectadores (FIGOLS, 2016). A seleção nacional alemã também foi explorada como um símbolo de poder e superioridade. Os jogadores eram incentivados a fazer a saudação nazista antes das partidas, e o sucesso da equipe era amplamente divulgado pela mídia do regime. A vitória da Alemanha na Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália, foi usada para reforçar a ideia de superioridade racial e de dominação alemã. O regime ainda se aproveitou dos eventos esportivos, como a Olimpíada de Berlim em 1936, para mostrar uma imagem positiva da Alemanha e promover sua ideologia para o mundo. O objetivo era demonstrar uma nação poderosa e bem-sucedida, em contraste com a realidade sombria e repressiva do regime (FIGOLS, 2016).

---

ideologia baseada no nacionalismo extremo, o antissemitismo e a expansão territorial. Na Itália fascista, liderada por Benito Mussolini, o regime promovia um Estado totalitário, caracterizado pelo culto à personalidade do líder, controle estatal da economia e supressão das liberdades individuais. Na Espanha franquista, governada por Francisco Franco, ocorreu uma Ditadura Militar que reprimia oposições políticas, perseguia dissidentes e implementava políticas conservadoras e centralizadoras (FIGOLS, 2016).

Durante o Regime Franquista na Espanha (1939 – 1975), o futebol e, mais especificamente, o famoso e vitorioso Real Madrid, também desempenharam um papel significativo como instrumentos de propaganda e poder para o regime. Francisco Franco reconheceu o potencial do futebol como uma ferramenta de influência e controle sobre a população espanhola, além de identificar o Real Madrid como instrumento para projetar a imagem de unidade e grandeza da Espanha durante aquele período. O clube se tornou uma vitrine para o regime e uma forma de afirmar a superioridade espanhola no cenário esportivo internacional, conquistando uma série de títulos, incluindo várias Copas da Europa (atual Liga dos Campeões da UEFA), o que reforçou a ideia de que a Espanha sob o regime de Franco era uma nação vitoriosa e superior. Além disso, o Real Madrid foi usado para promover o nacionalismo espanhol e a imagem de Franco como um líder carismático, que buscava reforçar a mensagem frequentando jogos e eventos do Real Madrid. Além do uso da imagem do clube, o time espanhol recebeu apoio financeiro e político, contando sobretudo com uma série de privilégios e favorecimentos, o que incluía a permissão para realizar contratações estrangeiras quando o restante do país estava sob restrições durante o regime (FIGOLS, 2016).

Como pode ser observado pelos exemplos mencionados, o uso da imagem positiva de seleções e/ou times de futebol por governos que adotaram sistemas políticos ditatoriais em seus países já era uma prática global desde a década de 1930. Já em 1970, chega a vez da Seleção Brasileira ser utilizada como um poderoso instrumento de propaganda.

Ao longo de duas décadas, o Brasil atravessou um período turbulento em sua história, conhecido como a Ditadura Militar, regime político estabelecido em 15 de abril de 1964 pelo general Castello Branco, que assumiu o governo e se tornou o primeiro dos cinco líderes militares que governariam o país até o ano de 1985. Com uma natureza autoritária e nacionalista, esse regime se iniciou após um golpe militar que exonerou João Goulart, o então presidente eleito democraticamente. Durante esse período, foram evidenciados abusos de poder, práticas de tortura, censura, assassinatos, além do controle da mídia e da informação, resultando na manipulação da opinião pública (RODRIGUES, 2021).

Em 13 de dezembro, de 1968, o Ato Institucional n.º 5 (AI-5) marcou o início dos piores tempos da ditadura, medida extrema que conferiu poderes extraordinários ao regime militar, estabelecendo um período ainda mais autoritário e repressivo do governo, ficando conhecido como “Anos de Chumbo”. O AI-5 suspendeu várias garantias constitucionais e políticas, como a suspensão do habeas corpus[8], a intervenção nos estados e municípios, a possibilidade de fechamento do Congresso Nacional, das assembleias legislativas e das câmaras municipais, bem como a cassação de mandatos políticos e a suspensão de direitos políticos. O decreto também conferiu ao presidente da República, na época o General Costa e Silva, poderes para decretar o recesso do Congresso Nacional, das assembleias legislativas e das câmaras municipais, bem como intervir em estados e municípios sem a necessidade de autorização prévia. Além disso, sua implementação ampliou significativamente o poder do regime militar e o controle sobre a sociedade brasileira, onde a censura à imprensa e às atividades culturais foi intensificada, e houve um aumento na repressão política, com a prisão, tortura e perseguição de opositores políticos ao regime (RODRIGUES, 2021).

Cerca de um ano após a implementação do AI-5, o até então presidente Costa e Silva se afasta do cargo em decorrência de problemas de saúde, onde a Junta Governativa assume temporariamente o comando do país em 31 de agosto de 1969, e logo após, em 30 de outubro do mesmo ano, o General Emílio Garrastazu Médici assume o poder através de eleições indiretas. Durante o governo de Médici, a Ditadura Militar no Brasil alcançou, mais uma vez, o seu auge, caracterizando-se por uma forte repressão política, censura e violações dos direitos humanos. No entanto, Médici, assim como os líderes de outros países citados anteriormente neste capítulo, conseguiu enxergar naquela época uma poderosa ferramenta política da cultura brasileira para realizar uma propaganda certeira do seu governo: o futebol.

General Médici era um amante do futebol que frequentava estádios e estava sempre presente em jogos no Maracanã, portanto, a vinculação do seu governo com o esporte fora muito bem utilizada pela Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável por disseminar uma imagem positiva do regime,

[8] Medida judicial utilizada para proteger o indivíduo contra prisões ou detenções arbitrárias ou ilegais, assegurando-lhe o direito de comparecer perante um tribunal e questionar a legalidade da sua prisão.

promovendo a propaganda política e a exaltação dos feitos do governo militar (RODRIGUES, 2021). Após duas copas do mundo conquistadas e o futebol se fazendo presente cada dia mais na vida dos brasileiros, o regime militar percebeu a popularidade do esporte e da Seleção Brasileira no país e decidiu explorar essa paixão nacional para fortalecer sua imagem e legitimar o governo. Para que tudo acontecesse da forma planejada, o ponto principal da “missão” era a conquista da seleção no mundial. Desta forma, a meta do governo era transformar os jogadores em verdadeiros soldados, e fazer deles, dentro e fora de campo, um exemplo de que hierarquias, regras, responsabilidades e disciplina são a base de uma sociedade direita (RODRIGUES, 2021).

Para isso, em 1969, um nome foi essencial para que o Brasil chegasse em perfeitas condições na Copa do México. João Saldanha, comentarista esportivo de grande renome na época, nunca havia trabalhado como técnico de futebol, mas de repente, se viu treinando a seleção mais famosa do mundo. O trabalho de Saldanha na seleção foi de extrema importância para a classificação do time nas eliminatórias da Copa do Mundo. A equipe estava sob perfeito estado físico e preparada para levantar a taça pela terceira vez. E assim aconteceu. A Seleção Brasileira chegou ao México como favorita e tornou-se tricampeã com o que muitos chamam de “melhor seleção de todos os tempos”. Mas Saldanha não esteve presente em campo para comemorar o título com os jogadores. Isso porque o técnico foi demitido na véspera do mundial por um motivo muito plausível para o contexto que estamos nos referindo: Saldanha era um militante comunista. Fato esse que até então havia sido deixado de lado, já que o objetivo do regime e da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) era a conquista do campeonato que se aproximava. Mas com a ideia da seleção se consagrar campeã nas mãos de um técnico de esquerda que ia contra o regime militar, além do medo por parte dos militares de Saldanha divulgar nas viagens internacionais documentos e provas da ditadura brasileira, o técnico não se fazia mais necessário no comando da seleção (GUTERMAN, 2004).

Com a conquista da terceira estrela, sob o comando do novo técnico Zagallo, era hora de Médici, juntamente à AERP, darem início nos discursos e propagandas políticas do regime usando a vitória do Brasil. Nas palavras de Guterman (2004, p. 271):

> Todo o esforço publicitário do governo para aproximar Médici dos demais brasileiros era, como se vê, bastante facilitado pela própria conduta do presidente. Na mensagem após a vitória no México, Médici não deixou por menos: “Na hora em que a Seleção nacional de futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros”.

O objetivo era claro: mostrar não apenas ao povo brasileiro, mas ao mundo, como o governo de Médici era grandioso. Desta forma, o regime explorou intensamente o sucesso da Seleção Brasileira, destacando a superioridade do país no futebol e apresentando-a como um exemplo de grandeza nacional. A equipe liderada por Pelé, Jairzinho e Tostão foi transformada em ícones nacionais e utilizada para projetar a imagem de um Brasil unido e vencedor sob a liderança do regime. Ao enfatizar os sucessos da seleção, o governo buscava criar uma narrativa de progresso e orgulho nacional, desviando a atenção da repressão política, das violações dos direitos humanos e das restrições às liberdades civis que ocorriam durante a Ditadura Militar (GUTERMAN, 2004).

Foi então quando a AERP também entrou em ação, utilizando de slogans vinculados à seleção para propaganda política, como no caso da marchinha “Pra Frente, Brasil”, vencedora de um concurso organizado pela Rede Globo de Televisão, que escolheria a canção oficial da seleção durante a competição no México e nas transmissões dos jogos como uma forma de apoio ao time. A composição escrita por Miguel Gustavo foi um sucesso durante o torneio e todos os brasileiros cantavam em uma só voz os versos “Todos juntos, vamos / Pra frente, Brasil / Salve a Seleção! (...) De repente é aquela corrente pra frente / Parece que todo o Brasil deu a mão / Todos ligados na mesma emoção / Tudo é um só coração!”. O sentido patriótico da letra e o sucesso da marchinha feita para a primeira transmissão da copa em rede nacional serviram perfeitamente para Médici, que começou a utilizá-la como slogan do regime militar (FERREIRA, 2019).

Figura 3 - Peças publicitárias após a conquista da Copa de 1970

Fonte: Brasil de Fato, 2019.

Vários outros slogans como “Ninguém mais segura este país” e “Brasil, ame-o ou deixe-o” foram utilizados durante todo o período da copa pela imprensa (conforme figura 3), transmitindo a ideia de que o Brasil era um país próspero, unido e vitorioso, mesmo diante das realidades muitas vezes sombrias que a ditadura impunha e criando assim uma identidade entre o governo, o futebol e a nação. Com a atenção focada principalmente no tricampeonato e a alegria de ver o Brasil trazendo mais uma taça para casa, as opressões e torturas da época ficaram em “segundo plano” durante um tempo para a população (RODRIGUES, 2021). Médici sabia exatamente o que estava fazendo.

Após a conquista do tricampeonato mundial, a seleção retornou ao Brasil e foi recebida com grande entusiasmo pelo presidente e pela população. O presidente, juntamente com os campeões brasileiros, foram aclamados por uma multidão de cerca de um milhão e meio de pessoas no Palácio do Planalto. Esse momento foi comentado anos depois por Pelé, em sua autobiografia:

> Médici nos cumprimentou de novo, agora pessoalmente, alguns dias depois, quando fizemos uma escala em Brasília no vôo de volta pra casa, para uma recepção triunfal no Palácio da Alvorada. Ele fez um discurso comovente sobre o orgulho e a alegria que sentia por termos trazido a taça para casa: é claro que enxergava algum capital político na hegemonia do futebol brasileiro

> – boa propaganda para o país e para o seu governo –, mas também ficou evidente que era um amante do futebol, além de um patriota, e no fundo estava mesmo encantado com a nossa vitória. (NASCIMENTO, 2006, p. 191).

Em relação ao uso da conquista do mundial como estratégia política de Médici, Pelé ainda comenta:

> Na ocasião circularam comentários críticos sobre a ditadura estar usando o futebol em seu próprio benefício. Como jogador, não senti nenhuma pressão política por parte do governo, embora alguns integrantes da comissão técnica fossem militares, como o capitão reformado do Exército Cláudio Coutinho. A certa altura de nossa preparação, ele havia dito que era importante vencermos porque isso acalmaria o povo. (NASCIMENTO, 2006, p. 192).

Durante todo esse período, ficou claro que o regime alcançou seu objetivo ao utilizar a conquista da Seleção Brasileira como um instrumento político. Até os dias de hoje, uma das imagens mais marcantes associadas à Copa de 1970 é a de Médici ao lado do capitão Carlos Alberto, erguendo a taça Jules Rimet (figura 4).

Figura 4 - Carlos Alberto levanta a taça de campeão com o ditador Emílio Médici

Fonte: El País, 2020.

Essa imagem simboliza a associação entre o governo e o sucesso esportivo, deixando uma impressão duradoura na memória coletiva. A ligação do futebol com a política neste contexto se faz ainda mais notável ao observamos nas biografias de jogadores que estiveram no México naquele ano, como a de Pelé, citando a figura de Médici e seu regime como algo que fez parte da história da conquista do mundial.

3.3 A Democracia Corinthiana

Ainda no contexto da Ditadura Militar, um movimento do futebol marcou a história do esporte com um ato de resistência. A Democracia Corinthiana surgiu na década de 1980, como um movimento no Sport Club Corinthians Paulista que buscava ampliar a participação dos jogadores nas decisões do clube e promover a democracia dentro e fora de campo. O movimento teve início em 1981, quando o jogador Sócrates, ídolo corintiano e líder da equipe na época, propôs a implementação de um sistema de gestão mais igualitário no clube, contando com apoio de jogadores consagrados como Wladimir, Casagrande, Biro-Biro, Zé Maria e Zenon (SÓCRATES; GOZZI, 2002).

O movimento defendia a ideia de que todos os envolvidos no futebol, incluindo jogadores, técnicos, funcionários e até mesmo torcedores, deveriam participar ativamente das decisões do clube. Um dos principais aspectos da Democracia Corinthiana foi a realização de assembleias semanais, nas quais todos tinham direito a voto e podiam expressar suas opiniões e ideias, onde decisões importantes, como contratações, táticas de jogo e até mesmo questões políticas, eram debatidas e decididas de forma coletiva. Mas a luta não parou por aí. A busca pela democracia não se restringia apenas aos limites do Parque São Jorge. Era necessário ir além e pôr um fim à opressão que assolava todo o país. Nesse sentido, os membros do movimento engajaram-se ativamente no comício em prol das Diretas Já, clamando pela aprovação da Emenda Constitucional Dante de Oliveira. Essa proposta, dentre outras medidas, visava restabelecer o voto direto nas eleições presidenciais, algo que não ocorria desde o ano de 1960. No dia 16 de abril de 1984, após um jogo do Corinthians contra o Flamengo, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, a torcida corintiana entoou cânticos pedindo "Diretas Já" e manifestando seu apoio à emenda. O episódio ficou conhecido como "Corinthians, o Time do Povo, a Voz das Diretas" e marcou um momento importante de engajamento político e social da torcida corintiana. A manifestação espontânea e massiva dos torcedores demonstrou o desejo por mudanças democráticas e contribuiu para amplificar o movimento em favor das eleições diretas (SÓCRATES; GOZZI, 2002).

Embora a Emenda Dante de Oliveira tenha sido rejeitada no Congresso Nacional, a participação do Corinthians e de sua torcida na campanha pelas eleições diretas foi um exemplo marcante de como o futebol e os clubes esportivos podem se tornar espaços de mobilização política e expressão popular. O envolvimento do clube nessa causa ressaltou a importância do esporte como uma arena de debate e engajamento cívico, transcendendo seu papel tradicional de entretenimento.

Apesar da curta duração, a Democracia Corinthiana deixou um legado significativo no futebol brasileiro, provando que é possível conciliar futebol e participação democrática, mostrando que os jogadores podem ter voz ativa e contribuir para as decisões que afetam suas carreiras e o clube em que atuam, além de inspirar outros movimentos semelhantes em clubes e entidades esportivas pelo país, demonstrando que a gestão participativa e democrática pode trazer resultados positivos tanto dentro quanto fora de campo, sendo assim, mais um marco no futebol brasileiro e representando um momento de empoderamento dos jogadores, abertura de espaço para o diálogo e a participação, e defesa de causas sociais e políticas. Desta forma, o movimento foi um exemplo de como o esporte pode ir além das quatro linhas e ser uma plataforma para a promoção de valores democráticos e de justiça social (SÓCRATES; GOZZI, 2002).

3.4 A PEB e o futebol

Podemos observar ao decorrer deste capítulo como o futebol brasileiro se tornou, ao longo da história, um importante instrumento político na história do Brasil e entender que no contexto da política externa, o futebol serve como uma ferramenta poderosa para gerar empatia, interesse e admiração pelo país, contribuindo para a construção de uma reputação positiva e influenciando percepções sobre a nação. Nesta seção, abordaremos, portanto, a relação entre o esporte e a Política Externa Brasileira (PEB), apresentando dados e exemplos concretos que ilustram a influência do futebol brasileiro ao redor do mundo e sua renomada fama.

De acordo com dados da Global Soft Power Index de 2023, pesquisa realizada anualmente pela consultoria britânica Brand Finance com o intuito de medir a capacidade de influência dos países ao redor do mundo, o Brasil se classificou em 31º

lugar no ranking global com um índice de 46,2 (numa escala de 0 a 100), caindo três posições em relação ao relatório de 2022, mas ainda mantendo a melhor classificação em relação aos demais países da América Latina. Para realizar a pesquisa, a empresa organizou um estudo com mais de 100.000 pessoas em 121 países, a fim de avaliar a reputação e o impacto das nações no cenário internacional, partindo de três fontes principais de medida: Familiaridade (que diz respeito ao conhecimento de marcas nacionais), Reputação e Influência, que são medidas através de oito principais fontes de *soft power*: Negócios e Comércio; Governança; Relações Internacionais; Cultura e Patrimônio; Mídia e Comunicação; Educação e Ciência; Pessoas e Valores; e Futuro Sustentável (BRAND FINANCE, 2023).

Tabela 1 - Os países com mais *soft power*

Posição	País	Pontuação
1	Estados Unidos	74.8
2	Reino Unido	67.3
3	Alemanha	65.8
10	Emirados Árabes Unidos	55.2
15	Coreia do Sul	53.9
20	Bélgica	51.2
25	Áustria	49.9
30	Portugal	46.6
31	Brasil	46.2

Fonte: Brand Finance (2023)

De acordo com Eduardo Chaves, diretor geral da *Brand Finance* Brasil, o principal motivo da queda do país no ranking global se dá devido à associação de notícias predominantemente negativas que percorreram o mundo no ano de 2022, como a má gestão da saúde pública durante a pandemia do Covid-19, casos de violações de direitos humanos, desmatamento da Amazônia e questões de política externa. Eduardo também cita que a invasão dos prédios dos Três Poderes na posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em janeiro de 2023, ganhou cobertura da imprensa mundial, o que acabou afetando negativamente a imagem do país (BRAND FINANCE, 2023).

Além dos oito pilares citados anteriormente, para que o levantamento tenha um resultado mais inerente em cada fonte de *soft power*, 35 categorias se segmentam entre eles, como: segurança e proteção; respeito à lei e aos direitos humanos;

generosidade; boa relação com outros países; influência na mídia; entre outros. O Brasil por sua vez, ganha destaque em duas categorias: “Diversão” (Relações Internacionais) e “Líderes em Esportes” (Cultura e Patrimônio), ocupando a primeira posição em relação aos 121 países analisados (BRAND FINANCE, 2023).

A classificação do país na primeira posição do ranking mostra como o esporte, sobretudo, o futebol, é uma ferramenta importante de influência ao redor do mundo. De acordo com o relatório, o ano de 2022 destacou o papel central do esporte na promoção do *soft power*, ampliando ainda mais a compreensão de que as nações podem utilizar intencionalmente o esporte como meio de construir influência e reputação. A realização da Copa do Mundo no Catar trouxe à tona a importância e influência do esporte, estimulando um debate relevante sobre a possibilidade e a necessidade de compartilhá-lo com países que possuam valores diferentes, permitindo que eles também se beneficiem da energia positiva que megaeventos esportivos podem proporcionar. Essa discussão ressalta a dimensão global do esporte como uma ferramenta poderosa para a projeção de imagem e a diplomacia cultural (BRAND FINANCE, 2023).

Tabela 2 - Países líderes em “Esportes”

Posição	País	Pontuação
1	Brasil	6.4
2	Estados Unidos	6.1
3	Alemanha	5.5
4	Argentina	5.4
5	Espanha	5.2
6	Reino Unido	4.7
7	França	4.2
8	Itália	4.0
9	Portugal	4.0
10	Rússia	3.7

Fonte: Brand Finance, 2022.

Ainda de acordo com o relatório, é inegável a importância do esporte como um tema relevante no contexto do *soft power*. De acordo com um estudo de pesquisa realizado pelo GSPI, 47% dos entrevistados globalmente demonstraram interesse em esportes, ficando atrás apenas de temas como Cinema e Viagens/Estrangeiro

Culturas, ambos com 50% de interesse. Além disso, o esporte possui uma audiência mais ampla do que muitos outros fatores-chave do *soft power*, como negócios, ciência, política, meio ambiente e tecnologia. O esporte também desempenha um papel significativo na construção de relações entre nações. Ao compartilhar a prática de um mesmo esporte, há uma forte correlação entre familiaridade e influência percebida de uma nação. Por exemplo, a África do Sul, vencedora da Copa do Mundo de Rugby de 2019, ocupou o 7º lugar em familiaridade e o 16º lugar em influência entre os neozelandeses, em comparação com o 28º e o 31º lugar, respectivamente, na amostra global (BRAND FINANCE, 2023).

Esses exemplos destacam a capacidade do esporte de estabelecer laços e influenciar a percepção de uma nação em âmbito internacional, e mostram como o Brasil é reconhecido mundialmente pelo seu futebol. O que pode ser visto através da paixão que países de continentes distintos sentem pela Seleção Brasileira, especialmente em anos de Copa do Mundo.

Um exemplo notável ocorreu durante a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, quando vídeos começaram a circular nas redes sociais mostrando torcedores de países como Haiti, Jamaica, Bangladesh e diversas outras localidades vestindo camisas da Seleção Brasileira e celebrando cada gol do Brasil ao longo do torneio. Cenas de carreatas, buzinaços e bandeiras do Brasil se tornaram comuns nas ruas desses países durante os jogos da seleção, chamando a atenção de todo o mundo. Inicialmente, pode parecer difícil compreender a intensidade dessa paixão vinda de países localizados em outros continentes, sem vínculos culturais diretos com o Brasil. Assim como Chade (2016) destacou em sua obra:

> Em praticamente todas essas ocasiões, nas diferentes culturas, religiões e línguas que conheci, sempre que eu me apresentava como brasileiro meu interlocutor abria um sorriso e fazia um comentário sobre a camisa amarela mais conhecida do planeta. Lembro-me de estar no interior da Tanzânia, um país da África Oriental, numa reportagem sobre o fato de que remédios essenciais não chegavam a uma população negligenciada de seus direitos. Mas, num bar miserável, um pôster na parede mostrava, com um orgulho surreal, a imagem de Cafu levantando a taça da Copa de 2002. Como é que aquele pôster tinha ido parar ali, se nem mesmo existiam voos ou estradas asfaltadas que levassem até o local? (CHADE, 2016, p. 9).

No entanto, conforme analisado ao longo deste trabalho, diversos fatores contribuem para essa admiração. A Seleção Brasileira é a maior campeã da história das Copas do Mundo, e os talentosos jogadores brasileiros se tornaram ídolos ao redor do mundo. Isso fez com que países, especialmente aqueles sem tradição em Copas do Mundo, passassem a admirar o Brasil não apenas pelo seu futebol, mas também pela imagem construída ao longo dos anos de um povo simpático e alegre. Além disso, as pessoas em países periféricos do sistema capitalista se identificam quase que inconscientemente com os jogadores brasileiros e suas histórias de vida. Essa identificação vai além das barreiras culturais e socioeconômicas, permitindo que esses países, muitas vezes cercados por conflitos e guerras, encontrem no futebol brasileiro uma forma de alegria e esperança. Assim, a paixão pela Seleção Brasileira em países distantes e com realidades distintas revela a capacidade do futebol de transcender fronteiras e unir pessoas através do esporte. É uma demonstração de como o Brasil, por meio de sua seleção, consegue trazer um sorriso e momentos de felicidade para regiões do mundo que enfrentam desafios e adversidades constantes (RUIC, 2018).

Desta forma, um evento liderado pelo Brasil durante a missão de paz no Haiti merece destaque no que diz respeito à projeção da PEB e o futebol. O ano era 2004 e o Brasil era comandado por Luíz Inácio Lula da Silva. A política externa de seu governo foi marcada por uma série de iniciativas e abordagens que buscavam fortalecer a posição do Brasil no cenário internacional e promover uma maior autonomia e protagonismo do país nas relações internacionais. Durante esse período, a PEB foi caracterizada por uma postura mais assertiva, com ênfase em uma abordagem multilateral, buscando diversificar as parcerias internacionais, fortalecendo os laços com países em desenvolvimento, especialmente aqueles da América Latina, África e Ásia. Essa estratégia visava não apenas ampliar as oportunidades econômicas e comerciais para o Brasil, mas também fortalecer a cooperação política e social entre nações em desenvolvimento. Um dos destaques da política externa de 2004 foi a participação do Brasil em fóruns e organizações internacionais, como o Mercosul, a Organização das Nações Unidas (ONU) e o G20. O país buscou desempenhar um papel ativo nessas instâncias, defendendo seus interesses e promovendo uma agenda que abordasse questões como a reforma das

instituições financeiras internacionais, o combate à pobreza e a promoção da paz e da segurança global.

No mesmo ano, o Haiti, Estado caribenho e ex-colônia francesa nas Américas, enfrentava uma grave crise política e social. O país estava imerso em conflitos internos e uma profunda instabilidade e uma guerra civil assolava a nação, exacerbando um contexto de pobreza extrema, corrupção, desigualdade social e fragilidade institucional. A crise política havia se intensificado nos anos anteriores, com crescentes tensões entre o então presidente Jean-Bertrand Aristide e a oposição. Essas tensões culminaram em violentos confrontos armados entre grupos pró e contra o presidente, que se agravaram ainda mais em fevereiro de 2004, com a eclosão da guerra civil, quando grupos armados da oposição lançaram uma ofensiva para derrubar Aristide, e a violência se espalhou rapidamente pelo país, resultando em confrontos armados nas ruas, saques, assassinatos e um clima generalizado de insegurança (BIAZZI; NETO, 2007).

O cenário atraiu a atenção da comunidade internacional, que estava preocupada com a escalada da violência e o risco de uma deterioração ainda maior da situação humanitária. Diante disso, as Nações Unidas mobilizaram uma missão de paz para intervir no conflito e buscar uma solução pacífica para a crise, dando início à missão que ficou conhecida como MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti), com o objetivo de restaurar a paz, proteger os direitos humanos e criar condições para a reconstrução e a estabilidade no país. O Brasil, por sua vez, com o objetivo de aumentar sua relevância na Comunidade Internacional e buscar qualificação para um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, liderou a missão de paz no Haiti durante 14 anos, enviando cerca de 37 mil soldados ao país (MORAIS, 2018).

Mas um evento em especifico chamou a atenção de todos no dia 18 de agosto daquele ano. Sabendo da admiração do povo haitiano à Seleção Brasileira, o presidente haitiano Boniface Alexandre, juntamente ao Presidente Lula e o Ministro das Relações Exteriores Celso Amorim, apresentou então a ideia de promover o que ficou conhecido como “Jogo da Paz”, uma partida amistosa entre o Brasil e o Haiti que ocorreu no Estádio Sylvio Cator, em Porto Príncipe.

O documentário “O Dia em que o Brasil Esteve Aqui”, de João Dornelas e Caíto Ortiz retrata com clareza o que aconteceu nas ruas do Haiti aquele dia. O governo brasileiro, junto à CBF, conseguiu a liberação de boa parte dos jogadores brasileiros que atuavam em clubes fora do país para que a partida ocorresse. Assim, o estádio que receberia a partida foi reformado às pressas pelo governo haitiano e pelas tropas de paz, assim como a formação da Seleção Haitiana, que não tinha sequer um time titular, tendo em vista que há anos não disputava um jogo oficial. A Seleção Brasileira chegou a Porto Príncipe vinda da República Dominicana, sendo escoltada por veículos militares das forças de paz até o estádio Sylvio Cator. Durante o trajeto, a emoção tomou conta da população. Milhares de pessoas carregando bandeiras do Brasil acompanhavam, acenavam e gritavam os nomes dos jogadores brasileiros, que retribuíam os gestos de apoio em cima de tanques militares (figura 5). O estádio da partida, por sua vez, não conseguiu suportar a demanda haitiana, o que fez com que muitos ficassem nas ruas durante o amistoso. Antes do início do jogo, o presidente Lula se encontrou com os jogadores da seleção e enfatizou a importância do evento como uma demonstração de solidariedade e paz, ressaltando o desejo de mostrar ao mundo que é possível construir a paz sem recorrer à guerra (BIAZZI; NETO, 2007).

Figura 5 - Jogadores da Seleção Brasileira em tanques militares acenando para a população haitiana.

Fonte: G1, 2017.

A Seleção Brasileira entrou em campo com uma faixa com a mensagem poderosa "Justiça social é o verdadeiro nome", marcando o início de um amistoso que ficaria gravado nos corações de muitas pessoas. Com um placar de 6x0 a favor do Brasil contra a Seleção Haitiana, o resultado em si tornou-se insignificante. Naquele dia, todos saíram vencedores de uma maneira especial, pois a partida transcendeu o futebol e trouxe consigo um significado maior.

Ao enviar a Seleção Brasileira, o Brasil buscava demonstrar apoio e solidariedade ao povo haitiano, mostrando que o esporte poderia servir como um instrumento de união, esperança e superação em um momento de grave crise no país caribenho. A presença dos jogadores brasileiros no Haiti também pretendia transmitir uma mensagem de que o Brasil estava comprometido em contribuir para a estabilização e reconstrução do país, não apenas por meio de ações militares, mas também por meio de iniciativas que promovem a cultura, o esporte e a cooperação internacional, além do potencial de atrair a atenção da mídia e gerar cobertura positiva, não apenas no Brasil, mas também internacionalmente. Essa exposição midiática poderia ajudar a conscientizar o mundo sobre a situação do Haiti, estimulando um maior engajamento e apoio à causa haitiana (BIAZZI; NETO, 2007).

> Haja vista a grande reputação dos jogadores brasileiros e do selecionado nacional no mundo inteiro - vários deles são embaixadores das Nações Unidas, como Ronaldo e Kaká - se pressupôs que eles teriam uma boa aceitação no país. Assim sendo, a presença de jogadores como Ronaldo Nazário, Adriano, Kaká e Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, demonstraria humildade, respeito e comprometimento para com o povo e a causa haitianos. Algo muito mais brando do que a presença através de uma intervenção militar forçada, por exemplo. Como resultado disso a presença brasileira no Haiti seria mais bem vista e aceita por parte da população local o que de certa forma facilitaria o trabalho das Forças de Paz presentes, tornando-o mais ágil e eficaz e contribuindo para o alcance das metas, que são: contribuir para a segurança do país e estabelecer condições para uma transição política pacífica (BIAZZI; NETO, 2007).

Desta forma, o "Jogo da Paz" foi considerado um momento significativo na MINUSTAH, pois mostrou a importância do esporte como uma ferramenta para promover a paz, a coexistência pacífica e a reconstrução de uma nação devastada por conflitos, trazendo esperança e alegria para a população haitiana, que pôde desfrutar de um evento esportivo em meio às dificuldades enfrentadas. Apesar de ser um evento pontual, o amistoso, que é lembrado por muitos jogadores até os dias atuais com muito carinho, teve um impacto simbólico e emocional para os haitianos e

contribuiu para fortalecer os esforços de estabilização e reconstrução do país, ressaltando a importância do esporte como uma linguagem universal que pode unir as pessoas, ultrapassar barreiras culturais e transmitir mensagens de paz e solidariedade em situações de crise (BIAZZI; NETO, 2007).

No âmbito político, ciente do poder simbólico e midiático da Seleção Brasileira, o governo Lula da Silva utilizou sua participação no Haiti como uma oportunidade para promover a imagem do Brasil como um agente de paz. Essa estratégia visava promover relações bilaterais, cooperação e apresentar o país de forma abrangente, abordando aspectos institucionais, econômicos, estruturais, culturais e, é claro, esportivos. A presença da seleção no país caribenho não apenas projetou uma imagem carismática do Brasil, mas também reforçou a ideia e o desejo do governo Lula em sediar a Copa do Mundo de 2014 no Brasil, a qual abordaremos no próximo capítulo.

4. O CASO DA COPA DO MUNDO DE 2014

"Quando eu ouço as pessoas discutindo se é bom para gente ter a Copa do Mundo me dá pena. A Copa é o maior exemplo de *soft power* que nós vamos ter. O mundo estará aqui prestes a nos ouvir, a ver as coisas que a gente está fazendo". A fala de Nizan Guanes[9], presidente do grupo ABC de Comunicação durante seminário na FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) sobre a atuação do Brasil no exterior, representa com clareza o que será abordado neste capítulo.

Nesta seção, será realizada uma análise da realização da Copa do Mundo de 2014, que teve como país-sede, o Brasil. O foco principal será examinar de que maneira o governo brasileiro utilizou esse evento como uma estratégia eficaz para promover a imagem internacional do país. Além disso, será explorada a dimensão internacional da política externa brasileira, evidenciando a formulação e implementação de uma política voltada para a promoção do *soft power* através da organização do evento. Para isso, serão analisadas as estratégias adotadas para o país ser escolhido, os recursos empregados, os discursos presidenciais e as

[9] Disponível em: https://www.fiesp.com.br/noticias/copa-do-mundo-e-o-maior-exemplo-de-soft-power-afirma-empresario-de-comunicacao/

iniciativas tomadas para consolidar uma imagem positiva do Brasil, tanto em termos políticos como culturais, perante o público internacional.

4.1 Os critérios da FIFA para escolha do país-sede

Sediar uma Copa do Mundo é um evento de extrema importância para um país em diversos aspectos. Além do impacto esportivo, o torneio traz consigo uma série de benefícios e oportunidades que vão além das quatro linhas. Em primeiro lugar, sediar uma Copa do Mundo oferece uma oportunidade ímpar de exposição internacional. O mundo inteiro volta seus olhos para o país anfitrião, proporcionando uma vitrine para sua cultura, tradições e atrativos turísticos, o que pode gerar um aumento significativo no turismo, impulsionando a economia local e criando empregos temporários, além de melhorar a imagem do país no cenário internacional, aumentando sua reputação e influência. Além disso, a preparação para sediar uma Copa do Mundo implica em investimentos maciços em infraestrutura. Estádios modernos, aeroportos ampliados, sistemas de transporte eficientes e aprimorados, e acomodações de qualidade são apenas algumas das melhorias necessárias. Esses investimentos não só melhoram a experiência dos visitantes durante o evento, mas também beneficiam diretamente a população local, criando um legado duradouro após o término da competição (REZENDE, 2018).

A promoção do esporte também é um aspecto fundamental. A realização de uma Copa do Mundo inspira e engaja a população local, aumentando o interesse e a participação no futebol e em outras atividades esportivas. Isso pode levar a um investimento maior na infraestrutura esportiva, na formação de atletas e no desenvolvimento de programas esportivos. O evento também desperta o orgulho nacional, unindo as pessoas em torno da seleção nacional e criando um senso de comunidade e identidade compartilhada.

Entretanto, existe uma série de critérios adotados pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) para que um país possa participar da votação que define a sede de uma edição. Por se tratar de um megaevento, o país precisa estar alinhado com diversos critérios que a FIFA considera crucial para que a realização ocorra da melhor maneira possível, já que a atenção do mundo inteiro estará voltada àquele

país por um determinado período. Dentre esses requisitos, são analisados os seguintes fatores:

Quadro 1 - Critérios para concorrer à eleição da FIFA

Critérios	Descrição
Infraestrutura esportiva	O país candidato deve possuir pelo menos 12 estádios modernos e adequados para sediar os jogos da Copa do Mundo, com capacidade mínima para 40 mil torcedores. É necessário apresentar um plano detalhado sobre a capacidade dos estádios, a segurança, os aspectos técnicos e as instalações para jogadores, árbitros e espectadores.
Hospedagem e acomodações	O país deve ter a capacidade de oferecer acomodações suficientes para acomodar jogadores, equipes, delegações e torcedores durante o torneio. Isso inclui uma variedade de opções de hospedagem, como hotéis, pousadas e outras formas de acomodação.
Infraestrutura de transporte	É importante que o país candidato tenha um sistema de transporte eficiente e capaz de lidar com o grande número de visitantes durante a Copa do Mundo. Isso envolve a disponibilidade de aeroportos modernos, estradas bem conservadas, sistemas de transporte público confiáveis e acessibilidade às diferentes sedes do torneio.
Segurança e logística	A segurança é uma consideração crucial para a FIFA ao escolher um país-sede. O país deve demonstrar a capacidade de garantir a segurança dos jogadores, das equipes, dos espectadores e dos demais envolvidos no evento. Além disso, é necessário apresentar um plano de logística abrangente para a organização dos jogos, incluindo o controle de multidões, serviços de emergência e medidas de segurança adequadas.
Apoio governamental	O governo do país candidato deve demonstrar um forte apoio e comprometimento para sediar o torneio. Isso inclui a disponibilidade de recursos financeiros para investir na infraestrutura necessária, bem como a capacidade de cooperar com a FIFA e cumprir com os requisitos e regulamentos estabelecidos pela entidade.
Legado e impacto social	A FIFA também leva em consideração o legado que a Copa do Mundo deixará para o país. Isso envolve aspectos como o desenvolvimento de infraestrutura duradoura, melhorias em setores como turismo e esporte, oportunidades de emprego, promoção da cultura local e outros impactos positivos na sociedade.

Fonte: Lupa1, 2022.

Caso o país esteja de acordo com os critérios citados acima, ocorre então a manifestação de interesse, feita através de uma carta oficial à FIFA, além da apresentação da candidatura, onde os países interessados devem preparar uma candidatura detalhada, apresentando planos para estádios, infraestrutura, logística, legado e outras áreas relevantes. Feito isso, a FIFA realiza então, uma avaliação das candidaturas recebidas e os comitês de inspeção são enviados aos países candidatos para avaliar a capacidade do país em sediar o torneio com base nos critérios estabelecidos. Com base nas visitas de inspeção, é preparado um relatório de avaliação detalhado para cada candidatura, descrevendo as vantagens e desafios de cada proposta e fornecendo informações aos membros do Comitê Executivo da FIFA para que enfim ocorra a eleição que definirá a sede. A eleição ocorre em uma reunião específica, onde cada membro do comitê tem direito a um voto, e o país vencedor é definido, contanto que tenha obtido pelo menos 50% dos votos (LIMA, 2022).

4.2 A candidatura brasileira e a vitória

Quando o Brasil se candidatou para sediar a Copa do Mundo, os olhos do mundo se voltaram para nós. Afinal, o país não recebia o evento desde 1950, e a perspectiva de uma nação com uma história tão rica no futebol ser escolhida para sediar a Copa de 2014 despertou o interesse da mídia e dos apaixonados pelo esporte.

A escolha de um país como sede da Copa do Mundo pela FIFA geralmente ocorre cerca de seis anos antes do início oficial do evento. No entanto, no caso do Brasil, a preparação para sediar o torneio começou uma década antes da bola rolar em solo brasileiro, marcando o retorno da Copa ao país após 64 anos. O ano era 2003, quando Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a presidência do Brasil após vencer democraticamente José Serra nas eleições presidenciais. Nesse momento crucial, o Governo Federal tomou uma medida importante ao criar um Ministério do Esporte independente, separando-o do Ministério do Turismo (REZENDE, 2018). Anteriormente, o esporte e o turismo compartilhavam a mesma pasta ministerial, mas a criação do Ministério do Esporte trouxe uma abordagem mais específica e direcionada para as políticas esportivas no Brasil. Essa medida visava fortalecer a gestão esportiva, permitindo um foco maior na promoção do esporte e no apoio aos

atletas, bem como na melhoria das infraestruturas esportivas em todo o país. O presidente Lula, em discurso realizado durante cerimônia nos Jogos Parapan-Americanos de 2003, explicou:

> Definitivamente, o Ministério do Esporte veio para ficar. Eu nunca consegui compreender, Vital, por que o Brasil tinha um Ministério do Esporte ligado ao Turismo. Eu disse, hoje, no encontro de Turismo: se você colocasse um especialista em esportes, possivelmente ele não entenderia de turismo. Se você colocasse um especialista de turismo, ele não entenderia de esporte. Então, porque não criar dois Ministérios distintos, porque são duas coisas distintas. (SILVA, 2003, p.6).

Ao separar os ministérios e implementar uma série de políticas e programas voltados para o desenvolvimento do esporte, o Brasil deixou claro ao mundo, especialmente à FIFA, seu interesse e, mais importante, sua capacidade de sediar um megaevento como a Copa do Mundo. Essa separação ministerial foi um passo significativo para demonstrar o comprometimento do governo brasileiro em fortalecer o setor esportivo e promover o esporte em todo o país. Ao criar o Ministério do Esporte como uma entidade independente, o Brasil enviou uma mensagem clara de que estava disposto a investir recursos e esforços na preparação e organização do evento. Além disso, a implementação de políticas e programas específicos para o desenvolvimento do esporte demonstrou o compromisso em melhorar a infraestrutura esportiva, fomentar a prática esportiva em diferentes níveis e apoiar os atletas brasileiros. Essas iniciativas foram uma prova concreta da capacidade do governo brasileiro de lidar com os desafios logísticos, estruturais e organizacionais envolvidos na realização de um evento de proporções tão grandiosas. Com essas ações, o Brasil não apenas buscava sediar a Copa do Mundo, mas também almejava posicionar-se como um país capaz de receber e gerenciar eventos esportivos de destaque internacional (REZENDE, 2018).

Foi quando, anos depois, em julho de 2007, o país sediou os XV Jogos Pan-Americanos, na cidade do Rio de Janeiro. Em discurso durante cerimônia de abertura, Lula usou da visibilidade do evento para enaltecer o Brasil e deixar um recado importante ao mundo:

> É exatamente isso o que estamos fazendo simbolicamente, aqui, hoje: quebrando barreiras, juntando nações, desfazendo preconceitos por meio do esporte. No dia 29 de julho, quando terminam os Jogos Pan-Americanos, e no dia 19 de agosto, ao final dos Jogos Parapan-Americanos, o Brasil terá

> mostrado ao mundo que temos condições de realizar no nosso País eventos de qualquer dimensão internacional. E o Pan, com certeza, nos credenciou ainda mais para isso. [...] Eu penso que a realização dos Jogos Pan-Americanos no Brasil, no mês de julho, e a realização da Copa América, na Venezuela, no mês de junho, são uma pequena preparação para que a gente possa demonstrar que a América do Sul e a América Latina não podem continuar a ser tratadas eternamente como se fossem, pura e simplesmente, países de Terceiro Mundo, sem nenhuma condição de realizar eventos como este. [...] Pelo menos 20 ou 30 dias antes, a gente tem que ver se está tudo funcionando para que o Pan-Americano seja um cartão postal, para que o mundo inteiro saiba que nós estamos preparados para o Pan, para a Copa do Mundo e para as Olimpíadas, se Deus quiser. (SILVA, 2007).

De forma a ser reconhecido como um país digno de prestígio internacional, o governo brasileiro estava determinado a sediar a Copa do Mundo de 2014.

Já em 13 de dezembro de 2006, a candidatura foi oficializada à FIFA por Ricardo Teixeira, presidente da CBF na época. O processo de candidatura envolveu várias etapas e exigiu o cumprimento dos requisitos apresentados anteriormente neste capítulo (quadro 1). Uma das primeiras etapas foi o envio de um documento chamado "Expressão de Interesse" à FIFA, onde o Brasil detalhou seu interesse em sediar o evento e apresentou uma série de informações iniciais, como infraestrutura esportiva, planos de estádios, capacidade hoteleira, transporte e legado pretendido, além da criação de um grupo de trabalho envolvendo representantes do Ministérios do Esporte, Casa Civil, Planejamento, Fazenda, Relações Exteriores, Justiça, Cidades e Turismo, que tinha como objetivo cuidar de todo processo da candidatura brasileira. (SILVA, 2018).

Após o primeiro passo dado, a candidatura brasileira foi submetida a um processo de avaliação minuciosa e visitas técnicas por parte da FIFA. Comitês de inspeção foram enviados pela entidade ao Brasil para avaliar a capacidade do país em sediar o torneio e as visitas envolveram análises detalhadas da infraestrutura, dos estádios propostos, dos planos de hospedagem, do transporte e de outras questões relacionadas à organização do evento. Embora tenha expressado preocupações em relação às condições dos estádios de futebol no país (SILVA, 2018), a FIFA concluiu que o país tinha capacidade de sediar a copa. Foi quando, em 30 de outubro de 2007, durante uma reunião do Comitê Executivo da FIFA em Zurique, o Brasil foi escolhido como país-sede da Copa do Mundo de 2014, superando as demais candidaturas (SILVA, 2018).

Esse processo de avaliação e seleção, conduzido pela FIFA, assegurou que o Brasil fosse escolhido como sede com base em sua capacidade de realizar um evento de magnitude global. A decisão final foi resultado do reconhecimento do país como uma nação apaixonada pelo futebol, com infraestrutura adequada e potencial para proporcionar uma experiência memorável a jogadores, torcedores e a todos os envolvidos na Copa do Mundo.

4.3 O Plano de Promoção do Brasil

Após a escolha do Brasil como país-sede da Copa do Mundo de 2014, teve início um período de preparação e planejamento intensivos para receber o evento. Foi então, em 2012, quando o governo brasileiro tomou a iniciativa de criar o “Plano de Promoção do Brasil: A Copa do Mundo FIFA 2014 como plataforma de promoção do país”, com o objetivo de aproveitar a visibilidade global da Copa do Mundo como uma oportunidade para fortalecer a imagem do Brasil no cenário internacional.

> O objetivo geral da promoção do Brasil a partir da Copa 2014 é agregar novos atributos à imagem do país, sem deixar de reforçar os atributos positivos pelos quais o país já é conhecido no mundo. Todas as pesquisas disponíveis convergem para alguns atributos de imagem muito positivos, com os quais o mundo já enxerga o Brasil: um povo alegre, com estilo de vida único e hospitaleiro, de grande beleza natural e diversidade cultural. No entanto, muitos outros pontos em que o país tem avançado significativamente ainda são muito pouco conhecidos - como sua economia forte e vibrante, a capacidade de inovação, a estabilidade da democracia e da economia, o desenvolvimento com justiça social, o esforço de sustentabilidade e a cultura de paz e tolerância. (PLANO DE PROMOÇÃO, 2012, p. 4).

O Plano de Promoção foi organizado e dividido em três focos principais: Turismo, Negócios e Sociocultural. Para cada um dos três eixos, foram estabelecidos objetivos específicos, que refletem os interesses-chave do Brasil em termos de promoção e reputação. Esses objetivos, conforme o quadro 2, foram segmentados de acordo com os diferentes públicos-alvo, tanto a nível nacional quanto internacional, para direcionar as ações promocionais de forma eficaz.

Quadro 2 - Objetivos específicos do Plano de Promoção do Brasil

Eixo	Público Nacional	Público Internacional
Turismo	- Ampliar o conhecimento dos atrativos regionais do Brasil - Firmar na população a necessidade de se ter uma atitude receptiva (em suas várias dimensões: hospitalidade, serviços, cultura etc.)	- Ampliar o conhecimento do Brasil como destino turístico em toda a sua diversidade, utilizando o período pré-Copa - Despertar o interesse de visitar o país (não apenas a Copa) mostrando os atrativos para negócios, lazer, família, aventura e natureza - Mais próximo ao evento, estimular o desejo de visitar destinos além das cidades-sede, vir antes e permanecer depois da Copa
Negócios	- Estimular a descentralização econômica, potencializando e atraindo investimento para as diversas regiões -Estimular a cultura do empreendedorismo a partir da Copa	- Imprimir à imagem dos produtos e marcas brasileiras atributos de: tecnologia, qualidade, inovação e sustentabilidade; contribuindo para o aumento das exportações - Apresentar o país como fonte de oportunidades para quem procura parcerias e soluções sustentáveis e de alto crescimento; - Atrelar à imagem do país importância para a economia e política internacional
Sociocultural	- Destacar as especificidades das culturas locais - Promover o orgulho, a autoestima e o sentimento de capacidade de realização e superação - Apresentar o esporte como indutor de transformação, fortalecimento da cidadania, aglutinação social, lazer, entretenimento e investimentos	- Apresentar o Brasil como um lugar de grande diversidade cultural, étnica e religiosa, de convivência pacífica e com o qual qualquer país pode se identificar - Explicitar os avanços na superação da miséria e da desigualdade, respeito ao meio ambiente e preservação da paz

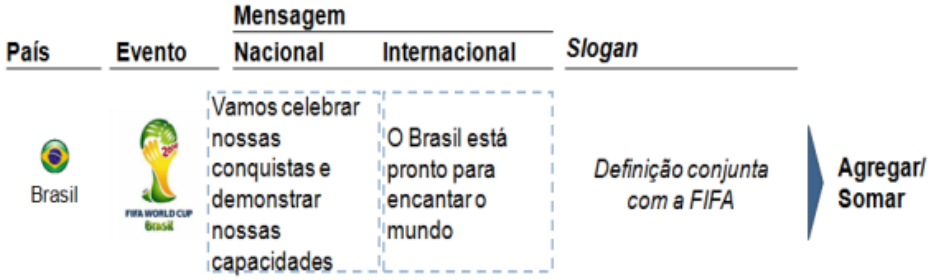
Fonte: Plano de Promoção, 2012.

O Plano de Promoção também definiu uma série de atributos que orientam as mensagens e estratégias a serem adotadas durante a realização do evento, com base em pesquisas realizadas pelo governo federal. Esses atributos tinham como objetivo comunicar a imagem do Brasil tanto para o público nacional quanto internacional. No âmbito nacional, os atributos destacados são desenvolvimento, capacidade, realização, superação, autoestima, união nacional, orgulho, responsabilidade, justiça

social, transparência, respeito, inovação e modernidade. Já no âmbito internacional, os atributos enfatizados são o desenvolvimento, capacidade, protagonismo, confiabilidade, diversidade, respeito, tolerância, paz, democracia, sustentabilidade, responsabilidade, inovação e modernidade (PLANO DE PROMOÇÃO, 2012).

O plano ainda destaca que a mensagem representa a essência do que o país deseja comunicar, mas não se trata de um slogan. Assim, foram estabelecidas mensagens específicas para o público nacional, como "Vamos celebrar nossas conquistas e demonstrar nossas capacidades", e para o público internacional, como "O Brasil está pronto para encantar o mundo". Essas associações contribuem para agregar valor à imagem do país, reforçando sua identidade e promovendo uma percepção positiva perante o mundo.

Figura 6 - Mensagens a serem adotadas durante a realização da Copa de 2014



Fonte: Plano de Promoção, 2012.

Para desenvolver a estratégia promocional, o governo brasileiro estabeleceu uma agenda que se integrou à Programação Oficial do Governo Federal. Nessa agenda, foi definida uma lista de países prioritários, levando em consideração potenciais parceiros estratégicos para o país (conforme descrito no quadro 3).

Quadro 3 - Potenciais parceiros estratégicos para o Brasil

1ª Onda	2ª Onda	3ª Onda
Alemanha	Colômbia	África do Sul
Argentina	Espanha	Angola
China	Itália	Bolívia
Chile	Japão	Canadá
Estados Unidos	México	Moçambique
França	Paraguai	Peru
Holanda	Portugal	Rússia
Reino Unido	Uruguai	Venezuela

Fonte: Plano de Promoção, 2012.

A seleção cuidadosa de países prioritários, organizados em três ondas, desempenha um papel crucial para fortalecer os laços com nações aliadas, promovendo benefícios mútuos e aproveitando as oportunidades oferecidas pelo evento. Essa abordagem estratégica permitiu ao Brasil maximizar o impacto positivo de sua presença na Copa do Mundo e construir relacionamentos duradouros com os países selecionados.

Com a agenda devidamente estabelecida, a estratégia de promoção foi delineada em cinco fases, distribuídas ao longo dos anos, como ilustrado na figura 7: Organização/Transformação (2011), Atração (2012), Ativação (2013), Emoção (2014) e Legado (pós-Copa). Essas etapas foram cuidadosamente planejadas para atingir diferentes objetivos e garantir o sucesso do evento.

Figura 7 - Desenvolvimento da estratégia de promoção

Fonte: Plano de Promoção, 2012.

Desta forma, fica evidente que os atributos mencionados no Plano de Promoção do Brasil estão alinhados com as principais fontes primárias de *soft power* estabelecidas por Nye (2004), como discutido no Capítulo 1 deste trabalho. Isso ocorre porque a cultura, os valores políticos e a legitimidade das instituições são elementos essenciais para aumentar a atratividade de um país perante a comunidade internacional, permitindo moldar as preferências de outros países por meio do poder de atração (NYE, 2004).

4.4 Os discursos presidenciais e a repercussão do Brasil como país-sede

A vitória na candidatura brasileira despertou um profundo sentimento de orgulho e expectativa em todo o país, refletido tanto na mobilização da sociedade quanto nos discursos dos presidentes que estiveram à frente do país durante esse período. Em um momento de celebração, no dia 30 de outubro de 2007, durante a cerimônia oficial de anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressou com convicção:

> Realizar uma Copa do Mundo é uma tarefa imensa, é uma tarefa, eu diria, incomensurável, mas se o Brasil já foi capaz de realizar uma, em 1950, quando eu tinha apenas quatro anos e seis meses de idade, imagine o que o Brasil não pode fazer quando eu já terei 69 anos de idade. Portanto, poderemos fazer essa Copa do Mundo. [...] No fundo, no fundo, nós estamos

> aqui assumindo uma responsabilidade enquanto nação, enquanto Estado brasileiro para provar ao mundo que nós temos uma economia crescente, estável, que nós somos um dos países que está com a sua estabilidade conquistada. Somos um país que tem muitos problemas, sim, mas somos um país com homens determinados a resolver esses problemas. (SILVA, 2007).

Lula ainda aproveitou o momento para enfatizar a capacidade do povo brasileiro de proporcionar uma experiência memorável durante a Copa do Mundo:

> Vocês verão no Brasil coisas maravilhosas produzidas pela natureza, vocês verão no Brasil a capacidade que teremos de construir bons estádios. Mas eu tenho certeza, sete anos antes, de dizer para vocês: a coisa que mais irá empolgar os jogadores, os jornalistas e os dirigentes de futebol do mundo, mais os torcedores, não será Ricardo Teixeira, não serão os governadores, nem o presidente da República, não serão os estados, mas será o comportamento extraordinário do povo brasileiro. O tratamento que esse povo dará, estejam certos que marcará a história das Copas do Mundo. [...] Então, eu quero dizer a vocês: estejam certos de que o Brasil saberá, orgulhosamente, fazer a sua lição de casa, realizar uma Copa do Mundo para argentino nenhum colocar defeito. (SILVA, 2007).

Ao enfatizar que o Brasil seria capaz de realizar uma Copa do Mundo impecável, até mesmo aos olhos dos argentinos, Lula evidenciou a determinação e o comprometimento do país em oferecer um evento de excelência. Sua declaração transmitiu confiança e orgulho na capacidade brasileira de sediar a Copa do Mundo, buscando deixar uma impressão positiva em todos os envolvidos. Com essa afirmação, Lula reforçou a mensagem de que o Brasil estava preparado para cumprir sua "lição de casa", demonstrando seu compromisso em superar expectativas e proporcionar uma experiência memorável para jogadores, torcedores e visitantes de todo o mundo (BERLANAS; POLYDORO; PIMENTEL, 2022).

Três anos depois, após a vitória de Dilma Rousseff nas eleições de 2010, que assumiu presidência do Brasil em janeiro de 2011, houve uma continuidade no plano de fortalecimento da política externa brasileira estabelecido por seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva. O fato de Lula e Dilma serem aliados políticos e pertencentes ao mesmo partido facilitou a continuidade das diretrizes estabelecidas durante o governo Lula, sendo benéfica para a manutenção das parcerias estratégicas estabelecidas durante a realização da Copa do Mundo (BERLANAS; POLYDORO; PIMENTEL, 2022).

Entretanto, conforme o evento se aproximava, o Brasil enfrentou desafios na preparação para sediar a Copa do Mundo. Houve a necessidade de acelerar o

cronograma de obras e garantir que os estádios e as infraestruturas estivessem prontos a tempo do torneio, que estava cada vez mais próximo. Embora também houvesse manifestações de otimismo, elas pareciam ofuscadas pela mídia nacional e pelas críticas das agências internacionais de notícias. Diversos problemas foram apontados, como o atraso e o superfaturamento das instalações esportivas, os aeroportos em caos, a violência nas grandes cidades, os altos custos das cidades-sede, os acidentes nas obras dos estádios, o caos no transporte público e as manifestações que viriam a acontecer em 2013.

Além disso, um movimento ganhou força e notoriedade no país: o "Não Vai Ter Copa". Esse movimento foi uma expressão de insatisfação e protesto de uma parte da população contra os gastos públicos destinados à organização do evento esportivo, em meio a problemas sociais e deficiências na infraestrutura do país. O governo brasileiro enfrentava críticas relacionadas à corrupção, desigualdade social e deficiências em áreas como saúde, educação e transporte público, e essas questões foram agravadas pelos altos custos relacionados à organização da Copa do Mundo. Nesse contexto, diversas manifestações e protestos ocorreram em todo o país. Os manifestantes argumentavam que o dinheiro destinado à Copa do Mundo poderia ser utilizado para melhorar a qualidade de vida da população, investindo em áreas como saúde, educação e segurança (EL PAÍS, 2014).

Embora o movimento "Não Vai Ter Copa" tenha ganhado visibilidade, a realização do evento ocorreu conforme planejado. Em discurso[10] no Palácio do Planalto em 2 de junho de 2014, durante apresentação oficial da Taça da Copa do Mundo FIFA, a presidenta Dilma Roussef declarou:

> Em 10 dias, começa a Copa do Mundo Fifa 2014 que o Brasil terá a honra de sediar. Quero reafirmar aqui a todas as brasileiras e brasileiros, a todos que nos visitarão nos próximos dias, que faremos, de fato, a Copa das Copas. Como já disse o senhor Blatter, somos o país que ganhou 5 Copas do Mundo e somos o país, também, que compareceu a todas as Copas. Somos o país cujos dois técnicos da seleção foram técnicos de seleções das Copas do Mundo, vitoriosas. Estamos, portanto, preparados para oferecer ao mundo um maravilhoso espetáculo, acrescido da alegria, do respeito e da gentileza característicos do povo brasileiro. Nós sabemos que estamos prontos, os

[10] Discurso disponível na íntegra: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-apresentacao-oficial-da-taca-da-copa-do-mundo-pela-fifa

> estádios estão prontos, muitos deles já foram palco dos campeonatos estaduais e do campeonato brasileiro. E os torcedores que já os conheceram sabem que são modernos, confortáveis e seguros. [...] Aos brasileiros e aos estrangeiros que nos visitarem, asseguro que a estrutura de segurança que organizamos vai proporcionar a todos a tranquilidade necessária para aproveitar os jogos, as festas e os passeios, para conhecer as nossas belezas. O Brasil é um país que se orgulha de ter conquistado a democracia. Nós somos um país democrático; um país que respeita a liberdade de manifestação e de expressão; um país que a valoriza; um país que convive com ela, e que também é capaz de preservar os direitos daqueles, daquela maioria que quer assistir os jogos, que quer se confraternizar e comemorar. (ROUSSEF, 2014).

A presidenta expressou em seu discurso, sua confiança e entusiasmo em sediar a Copa do Mundo de 2014. Além disso, Dilma destaca o compromisso do Brasil com a democracia e o respeito aos direitos de manifestação e expressão, enfatizando que o país valoriza a liberdade e tem a capacidade de conciliar os interesses daqueles que desejam assistir aos jogos e celebrar, ao mesmo tempo em que respeita os direitos daqueles que optam por manifestar suas opiniões (PORTAL DO GOVERNO BRASILEIRO, 2014).

Mais próximo ao jogo de abertura, com os visitantes estrangeiros chegando ao país e o clima de Copa do Mundo se instaurando por todo o Brasil, Dilma Roussef ainda aproveitou para se pronunciar em relação às críticas feitas ao governo durante o período que antecedeu o evento, de acordo com o trecho a seguir[11]:

> Tem gente que alega que os recursos da Copa deveriam ter sido aplicados na saúde e na educação. Escuto e respeito essas opiniões, mas não concordo com elas. Trata-se de um falso dilema. Só para ficar em uma comparação: os investimentos nos estádios, construídos em parte com financiamento dos bancos públicos federais e, em parte, com recursos dos governos estaduais e das empresas privadas, somaram R$ 8 bilhões. Desde 2010, quando começaram as obras dos estádios, até 2013, o governo federal, os estados e os municípios investiram cerca de 1 trilhão e 700 bilhões em educação e saúde. Repito: 1 trilhão e 700 bilhões de reais. Ou seja, no mesmo período, o valor investido em educação e saúde no Brasil é 212 vezes maior que o valor investido nos estádios. Vale lembrar, ainda, que os orçamentos da saúde e da educação estão entre os que mais cresceram no meu governo. (ROUSSEF, 2014).

A presidenta apresentou um argumento comparativo para sustentar sua posição. Ela destaca que os investimentos nos estádios somaram R$ 8 bilhões, provenientes de financiamento dos bancos públicos federais, governos estaduais e

[11] Discurso disponível na íntegra: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-de-radio-e-televisao-sobre-a-copa-do-mundo-2014

empresas privadas. Em contrapartida, entre 2010 e 2013, o governo federal, estados e municípios investiram cerca de 1 trilhão e 700 bilhões em educação e saúde, reforçando que o valor investido nessas áreas é 212 vezes maior do que o destinado aos estádios no mesmo período. Além disso, a presidenta ressalta que os orçamentos da saúde e da educação foram prioritários em seu governo, registrando um crescimento significativo (PORTAL DO GOVERNO BRASILEIRO, 2014). Com essa argumentação, ela busca mostrar que os investimentos na Copa do Mundo não prejudicaram o direcionamento de recursos para áreas essenciais como saúde e educação.

Dilma ainda defende a ideia de que é possível investir tanto na realização de eventos esportivos de grande porte quanto nas áreas sociais, não sendo necessário escolher entre uma ou outra. Para ela, a Copa do Mundo foi uma oportunidade de promover o país, impulsionar a economia e fomentar o turismo, sem negligenciar os investimentos necessários na saúde e na educação (PORTAL DO GOVERNO BRASILEIRO, 2014).

> É preciso olhar os dois lados da moeda. A Copa não representa apenas gastos, ela traz também receitas para o país; é fator de desenvolvimento econômico e social; gera negócios, injeta bilhões de reais na economia, cria empregos. Somos também um país que, embora tenha passado há poucas décadas por uma ditadura, tem hoje uma democracia jovem, dinâmica e pujante. Desfrutamos da mais absoluta liberdade e convivemos com manifestações populares e reivindicações que nos ajudam a aperfeiçoar, cada vez mais, nossas instituições democráticas, instituições que nos respaldam tanto para garantir a liberdade de manifestação como para coibir excessos e radicalismos de qualquer espécie. (ROUSSEF, 2014).

A presidenta finaliza seu discurso expressando sua admiração e reconhecimento pela Seleção Brasileira de futebol e sua importância como um patrimônio nacional:

> Meus queridos jogadores e querida Comissão Técnica, debaixo da camisa verde-amarela, vocês materializam um poderoso patrimônio do povo brasileiro. A Seleção representa a nacionalidade. Está acima de governos, de partidos e de interesses de qualquer grupo. Por isso, vocês merecem que um dos legados desta Copa seja, também, a modernização da nossa estrutura do futebol e das relações que regem nosso esporte. O Brasil precisa retribuir a vocês e a todos os desportistas, tudo o que vocês têm feito por nosso povo e por nosso país. O povo brasileiro ama e confia em sua Seleção. Estamos todos juntos para o que der e vier. Viva a Paz! Viva a Copa! Viva o Brasil! (ROUSSEF, 2014).

No dia 12 de junho de 2014, a Copa do Mundo do Brasil teve início na cidade de São Paulo, com o aguardado confronto entre Brasil e Croácia, no qual a Seleção Brasileira saiu vitoriosa com um placar de 3x1. Durante o percorrer do evento, o Brasil conseguiu superar as críticas da imprensa nacional e internacional em relação à infraestrutura da Copa do Mundo de 2014, assim como as preocupações da população em relação ao governo brasileiro. À medida que a competição avançava, o foco se desviava completamente para o futebol, com partidas que quebraram recordes de público e emocionaram a todos os espectadores. Mesmo os mais céticos, que anteriormente afirmavam que a Copa não seria um sucesso, foram completamente conquistados pelo espetáculo esportivo que tomara conta do país.

4.5 Um balanço: ganhos e perdas

Após o término da Copa – e a derrota dolorosa da Seleção Brasileira para a Alemanha em um dia que todos os brasileiros gostariam de esquecer – é possível analisar um balanço entre ganhos e perdas da sediação do evento.

De acordo com uma estimativa do Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), o Brasil recebeu cerca de 1 milhão de estrangeiros, de 202 países, durante a Copa do Mundo, superando a expectativa inicial do governo, de 600 mil pessoas. A pesquisa ainda apontou que 95% desses turistas têm a intenção de voltar ao Brasil. Os dados foram divulgados pelo Governo Federal, durante a divulgação do balanço da Copa do Mundo Fifa 2014 no Brasil, que ocorreu em 14 de julho de 2014. No evento, a Presidenta Dilma mostrou sua satisfação com os resultados obtidos[12].

> Nós somos um país que demonstrou sua capacidade de organização, em que pese, todos vocês sabem disso, porque acompanharam os acontecimentos passo a passo, sabem que os vaticínios, os prognósticos que se faziam sobre a Copa eram os mais terríveis possíveis. Começavam do “não vai ter Copa” até “nós teremos a Copa do Caos”. O estádio do Maracanã, que ontem foi palco de um momento belíssimo, ia ficar pronto em 2038, ou 2024, enfim, não ficaria pronto nunca. Nós não teríamos aeroportos, nós não teríamos, mais do que não ter aeroportos, também não teríamos a capacidade de receber milhões e milhões de turistas, milhões e milhões de pessoas que vindo de outras partes do Brasil ou de outras partes do mundo, vinham aqui desfrutar

[12] Discurso disponível na íntegra: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-balanco-da-copa-do-mundo-fifa-2014-no-brasil

> a Copa. Enfim, nós derrotamos, sem dúvida, essa previsão pessimista e realizamos, com a imensa e maravilhosa contribuição do povo brasileiro, essa Copa das Copas. (ROUSSEF, 2014).

“O que fica para o Brasil é toda a infraestrutura, todo o desenvolvimento, esse enorme esforço trabalhado que um conjunto de órgãos teve para organizar a Copa do Mundo”, disse a presidenta.

Ainda de acordo com o levantamento, a Copa do Mundo teve um impacto significativo na economia brasileira, contribuindo com aproximadamente R$ 30 bilhões e gerando 1 milhão de empregos. Esses números representam mais de 15% dos 4,8 milhões de empregos criados durante o governo de Dilma Rousseff. O estudo revela que, das oportunidades de emprego relacionadas à Copa, 710 mil são permanentes, garantindo estabilidade e com carteira assinada, enquanto outras 200 mil são temporárias, também assegurando direitos trabalhistas. Esses resultados demonstram o impacto positivo do evento esportivo na economia brasileira, impulsionando o setor de trabalho e oferecendo oportunidades de emprego tanto de forma temporária quanto permanente (ESTADO DE MINAS, 2014).

Em termos de repercussão, a edição gerou uma marca recorde. Durante a primeira metade da copa, o Facebook registrou um impressionante número de 1 bilhão de interações, incluindo comentários, posts e compartilhamentos. Além disso, o total de usuários envolvidos em conversas sobre o torneio alcançou a marca de 220 milhões no período de 12 a 29 de junho. Esses números, de acordo com a empresa, estabelecem um recorde absoluto quando se trata de engajamento em um evento. O Google também registrou aproximadamente 1,2 bilhão de buscas relacionadas à Copa do Mundo, e o Twitter, por sua vez, contabilizou mais de 300 milhões de tweets comentando sobre o torneio nas primeiras duas semanas de competição, um volume duas vezes maior do que os Jogos Olímpicos de Londres de 2012 (ESTADÃO, 2014).

A repercussão histórica dessa edição do mundial, aliada às alianças políticas estabelecidas e à visibilidade que o Brasil obteve ao redor do mundo, demonstram que a Copa de 2014 teve um impacto significativo na construção da imagem do país no cenário internacional, utilizando um megaevento esportivo como um instrumento político. Apesar das críticas iniciais, o sucesso da Copa de 2014 permitiu que o Brasil

demonstrasse sua capacidade de organização, hospitalidade e paixão pelo futebol. O evento proporcionou a oportunidade de mostrar ao mundo o lado positivo do país, desviando o foco das questões negativas. Além disso, a competição serviu como uma plataforma para fortalecer as relações diplomáticas e estabelecer parcerias políticas com outras nações. A visibilidade global alcançada durante a Copa de 2014 trouxe vantagens para o Brasil no campo diplomático, econômico e cultural. O país se consolidou como um dos principais destinos turísticos do mundo, atraindo visitantes de todas as partes. Isso impulsionou a economia local, gerando oportunidades de negócios e investimentos. No âmbito político, a realização bem-sucedida da Copa do Mundo fortaleceu a posição do Brasil como uma potência esportiva e contribuiu para a projeção de seu *soft power*. A paixão do povo brasileiro pelo futebol, combinada com o talento dos jogadores e a tradição vitoriosa da seleção, consolidaram a imagem do país como uma referência no esporte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou o futebol como um instrumento de *soft power* na política externa brasileira, com foco no caso da Copa do Mundo de 2014. Ao longo deste trabalho, exploramos a relação entre o esporte mais popular do país e a projeção internacional do Brasil, considerando os aspectos políticos, sociais e econômicos envolvidos. Através da análise de fontes primárias e secundárias, foi possível constatar que a Copa de 2014 representou uma oportunidade única para o Brasil exercer sua influência e promover uma imagem positiva perante a comunidade internacional. O evento foi utilizado como plataforma para a promoção da cultura brasileira, o fortalecimento das relações diplomáticas e o impulsionamento do turismo e do comércio. A presença de líderes internacionais nos estádios, os encontros bilaterais realizados durante o evento e a criação de espaços para discussões políticas e econômicas demonstraram a relevância do futebol como um canal de comunicação e influência na esfera internacional. Diante disso, é fundamental que o Brasil aproveite as lições aprendidas com a experiência da Copa de 2014 para aprimorar suas estratégias de *soft power* no âmbito esportivo.

Neste contexto, fica evidente que o futebol tem desempenhado um papel significativo na projeção da imagem e influência do Brasil no cenário internacional. A Seleção Brasileira, ao conquistar títulos e estabelecer uma tradição vitoriosa no futebol, conquistou o coração e a admiração de pessoas ao redor do mundo. Essa conexão emocional e identificação com os jogadores brasileiros e suas histórias de vida contribuíram para a formação de uma imagem positiva do Brasil no exterior. Através do futebol, o Brasil tem a oportunidade de transmitir valores e promover uma identidade nacional que vai além do esporte. A paixão e a habilidade demonstradas pelos jogadores brasileiros em campo despertam o interesse, a empatia e o respeito de outras nações, permitindo que o país exerça influência e construa relações diplomáticas mais fortes. Entretanto, para que o Brasil continue a usar o futebol como um importante instrumento político e se destaque no cenário internacional, é fundamental adotar medidas estratégicas. Em primeiro lugar, é necessário investir na gestão e no desenvolvimento do esporte em todas as suas esferas, desde a base até o profissionalismo. Isso inclui melhorar a infraestrutura esportiva, investir em

programas de formação de jovens talentos e promover a ética e a transparência na administração esportiva.

Além disso, é importante fortalecer parcerias esportivas e culturais com outras nações, promovendo intercâmbios e eventos que contribuam para a divulgação do futebol brasileiro e o fortalecimento das relações bilaterais, visto que a participação em competições internacionais, tanto de clubes quanto de seleções, é fundamental para manter a visibilidade e o prestígio do futebol brasileiro. O país também pode aproveitar a dimensão social do futebol para promover causas importantes, como a justiça social, a inclusão e o desenvolvimento sustentável. Iniciativas que utilizem o esporte como ferramenta de transformação social podem gerar um impacto positivo tanto internamente, fortalecendo a coesão social, quanto externamente, reforçando a imagem do Brasil como um país comprometido com a melhoria das condições de vida de seus cidadãos.

Em suma, o Brasil tem a oportunidade de continuar a utilizar o futebol como um importante instrumento político, promovendo sua imagem e interesses no cenário global. Através de uma abordagem estratégica e sustentável, investindo no desenvolvimento do esporte, fortalecendo parcerias internacionais e promovendo causas sociais, o país pode se destacar como uma potência futebolística e alcançar um maior protagonismo no cenário internacional.

6. REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, Igor Chagas**. Futebol: O esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional.** 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40288/000827664.pdf?sequence=1> Acesso em: 15 mar. 2023.

ANDREASSA, Luis. As origens do amor dos haitianos pela Seleção e como ele foi usado na política. **Futebocracia,** 2018. Disponível em: https://futebocracia.com/2018/08/18/as-origens-do-amor-dos-haitianos-pela-selecao-e-como-ele-foi-usado-na-politica/. Acesso em: 29 abr. 2023.

BARBOSA MARTINELLI, C. **O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye.** Conjuntura Global, v. 5, n. 1, 25 jun. 2016.

BATTISTELLA, D. **Teorias das Relações Internacionais.** 2014. Brasil: Ed. Senac.

BERLANAS, Guilherme. POLYDORO, Higor. PIMENTEL, Iago. **A COPA DO MUNDO FIFA DE 2014 COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA.** TCC (Relações Internacionais). São Paulo, 9. 23. 2022. Acesso em: 09 mar. 2023.

BIAZZI, Alessandro. **Futebol e política externa brasileira: entre o político-identitário e o comercial**. 2007. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd104/futebol-e-politica-externa-brasileira.htm>. Acesso em: 29 maio. 2023.

BRASIL VALE 825 BILHÕES DE DÓLARES, APONTA RANKING GLOBAL DE MARCAS NACIONAIS. **Insper**, 02 mar. 2023. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/brasil-vale-825-bilhoes-de-dolares-aponta-ranking-global-de-marcas-nacionais/>. Acesso em: 20 abr. 2023

BUENO, Guilherme. Realpolitik. 2019. Disponível em: < https://relacoesexteriores.com.br/glossario/realpolitik/>. Acesso em: 02. Jun. 2023

CAON, Isabelle. **O futebol como instrumento político: um estudo comparativo entre as ditaduras militares da Argentina, do Brasil, e do Uruguai.** 2021.

Carvalho, J. E. d. **150 anos de futebol - Geopolítica.** 2015. Brasil: Ed. SESI-SP. **cerimônia de anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014.**

Chade, J. **Política, propina e futebol: Como o "padrão Fifa" ameaça o esporte mais popular do planeta.** 2015. Brasil: Ed. Objetiva.

Copa do Mundo gerou 1 milhão de empregos no país, aponta estudo. **Estado de Minas**, 20 jun. 2014. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2014/06/20/internas_economia,541169/copa-do-mundo-gerou-1-milhao-de-empregos-no-pais-aponta-estudo.shtml>. Acesso em: 05 mai. 2023.

Copa 2014: Facebook é a rede social mais usada durante o evento. **Estadão.** Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/radar-tecnologico/copa-2014-facebook/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; MARINHO, Matheus. A Copa de 1970 e seu uso político: a imagem do general Médici nas narrativas de três protagonistas da Seleção Brasileira. **Ludopédio**, São Paulo, v. 133, n. 61, 2020. Disponível em: < https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-copa-de-1970-e-seu-uso-politico-a-imagem-do-general-medici/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

Democracia Corinthiana | Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lbgyHs1PsJI&t=678s>. Acesso em: 28 fev. 2023.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante apresentação oficial da Taça da Copa do Mundo pela FIFA. **Portal do Governo Brasileiro**. Palácio do Planalto. 2014. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-apresentacao-oficial-da-taca-da-copa-do-mundo-pela-fifa>. Acesso em: 29 maio. 2023.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 Zurique-Suíça, 30 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2007/30-10-2007-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-anuncio-do-brasil-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2014>. Acesso em: 12 abr. 2023

FIGOLS, Victor de Leonardo. Futebol e Política: Os fascistas querem a bola. **Ludopédio**, São Paulo, v. 82, n. 3, 2016. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/futebol-e-politica-os-fascistas-querem-a-bola/>. Acesso em: 12 abr. 2023.

FIGUEIRA, Ariane. **INTRODUÇÃO À ANÁLISE DE POLÍTICA EXTERNA**. 2017. Brasil: Ed. Saraiva Educação.

GARCIA, Fernanda. **ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER: O FUTEBOL BRASILEIRO.** Monografia (Relações Internacionais). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 65. 2015.

Governo faz balanço e estima que Copa 2014 movimentou R$ 30 bilhões. **CONTRAF**. 2014. Disponível em: <https://contrafcut.com.br/noticias/governo-faz-balanco-e-estima-que-copa-2014-movimentou-r-30-bilhoes-200e/>. Acesso em: 15 maio. 2023.

GUANAES, Nizan. Copa do Mundo é maior exemplo de soft power**. FIESP**, 2012. Disponível em: <https://www.fiesp.com.br/noticias/copa-do-mundo-e-o-maior-exemplo-de-soft-power-afirma-empresario-de-comunicacao/>. Acesso em: 02 mai. 2023.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil: O Caso da Copa de 70.** 2006. PUC. São Paulo. p. 140. Acesso em: 02 mar. 2023.

LAFER, Celso. **Relações internacionais, política externa e diplomacia brasileira**: Pensamento e Ação. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2018.

LIMA, Vitor. Copa do Mundo: Saiba o que é preciso para um país poder sediar uma Copa. **Lupa1.** Disponível em: <https://lupa1.com.br/noticias/geral/copa-do-mundo-saiba-o-que-e-preciso-para-um-pais-poder-sediar-uma-copa-17926.html>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LUCA, A. D. **Brasil ganha sete posições em ranking de "soft power" e assume o 28º lugar em influência global**. Disponível em: <https://media-talks.elav.tmp.br/2022/03/15/brasil-ganha-sete-posicoes-em-ranking-de-soft-power-e-assume-a-28a-posicao-em-influencia-global/amp/>. Acesso em: 02 mai. 2023.

MARINHO, Daniela. A diferença entre Soft Power e Hard Power. **SoCientifica,** 2023. Disponível em: https://socientifica.com.br/a-diferenca-entre-soft-power-e-hard-power/. Acesso em: 05 mar. 2023.

MATTAR, Iugh. Bayern vs Hitler, o clube que resistiu ao nazismo. **Ludopédio**, São Paulo, v. 158, n. 19, 2022. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/bayern-vs-hitler-o-clube-que-resistiu-ao-nazismo/>. Acesso em: 05 mar. 2023.

Memorias do Chumbo Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cViE1fZ3tzA>. Acesso em: 02 maio. 2023.

MONTANINI, Marcelo**. "Imagina na Copa!?": uma análise da construção da imagem do Brasil através do futebol, da mídia e da política externa no período 2003-2014.** Dissertação (Relações Internacionais). Universidade de Lisboa. Lisboa, p. 92. 2017.

MONTEIRO, Marcelo. Maracanazo 70 anos: saiba porque Brasil x Uruguai de 50 é um jogo único. **Globo Esporte**. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/memoria-ec/post/2020/07/16/maracanazo-70-anos-saiba-porque-brasil-x-uruguai-de-50-e-um-jogo-unico.ghtml>. Acesso em: 02 mai. 2023.

NARCIZO, Makchwell Coimbra. O futebol sob o signo da suástica: o Terceiro Reich no poder. **Ludopédio**, São Paulo, v. 135, n. 11, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/futebol-suastica-terceiro-reich/>. Acesso em:02 mai. 2023.

NYE, Joseph. **O paradoxo do poder americano**. Brasil: Unesp, 2002.

NYE, Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics.** Public Affairs, 2004.

Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no balanço da Copa do Mundo Fifa 2014 no Brasil. **Portal do Governo Brasileiro.** 2014. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-balanco-da-copa-do-mundo-fifa-2014-no-brasil. Acesso em: 12 abr. 2023.

PINHEIRO, Domício. Comemoração da conquista da Copa do Mundo de 1962, na Praça da Sé. **Museu do Futebol,** 1962. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/497353/. Acesso em: 29 abr. 2023.

Pronunciamento da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia de rádio e televisão, sobre a Copa do Mundo 2014. **Portal do Governo Brasileiro**. 2014. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-de-radio-e-televisao-sobre-a-copa-do-mundo-2014>. Acesso em: 05 mai. 2023.

RODRIGUES, Bruno. A história da música “Pra Frente, Brasil”. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/entretenimento/2020/06/a-historia-da-musica-pra-frente-brasil/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

RODRIGUES, Vinícius. **O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO POLÍTICO DURANTE A DITADURA MILITAR.** TCC (Jornalismo). Centro Universitário do Sul de Minas. Varginha, p 39. 2021

SARTORI, Igor Ricardo Primo**. O esporte como um instrumento de soft power da política externa brasileira (2007-2016).** 2016. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/759/1/Sartori%2C%20Igor%20Ricardo%20Primo.%20O%20esporte%20como%20um%20instrumento%20de%20soft%20power%20da%20pol%C3%ADtica%20externa%20brasileira%20%282007-2016%29.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.

Seis histórias sobre futebol e política na ditadura. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/28/seis-historias-sobre-futebol-e-politica-na-ditadura>. Acesso em: 12 mar. 2023.

SILVA, Flávia. **MEGAEVENTOS ESPORTIVOS COMO FERRAMENTAS DE SOFT POWER E DE PROJEÇÃO INTERNACIONAL: O BRASIL E A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 2014.** Monografia (Relações Internacionais). Universidade de Brasília. Brasília, p. 88, 2018.

SILVA, G. **O processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional brasileira.** 2020.

Tema do Brasil na Copa do Mundo 1970 - “Pra Frente Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8_T7ti1T_F0>. Acesso em: 12 maio. 2023.

Waltz, K. **International politics is not foreign policy. Security Studies.** 1996.